

“BATIZADOS E ENVIADOS. A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO”

Guião Missionário 2019 / 2020

Pedidos a:

Obras Missionárias Pontifícias
Pe. António Manuel Batista Lopes
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 Lisboa
Tel: 218 148 428
missio.omp@netcabo.pt
www.opf.pt

Índice

Apresentação	3
Finalidade deste Guião	4
Mensagem para o 92º Dia Mundial das Missões 2019	6
<i>Missionários porque batizados - D. Manuel Linda</i>	12
<i>Batizados e Enviados - P. Adelino Ascenso</i>	14
Oração	16
Sacrifício	19
Partilha	21
Vocação Missionária	22
Oração na fragibilidade	27
Testemunhas de Missão	30
Peregrinação Nacional Missionária	47
Celebração Missionária	58
Rosário Missionário	65
Via Sacra	77
Preces Diárias	87
Celebração da Infância Missionária	95
Eucaristia Missionária	99

Colaboraram neste Guião:

Papa Francisco, D. Manuel Linda, Adelino Ascenso, Anna Kudelska, António Leite, Célia Cabecinhas, António Lopes, Catarina António, FEC-Fundação Fé e Cooperação, João Cláudio Fernandes, Associação Equipa d' África, Grupo Grão, Leigos Missionários Combonianos, CMAB, Fernando Domingues, Alberto Vieira, Ir. Adelaide, Ir. Luciana, Ir. Laticia, Vítor Silva, Lúcia Pedrosa, ENS/Guimarães 3-6-13, ENS/Celorico 1-2-3.

Batizados e Enviados... em estado permanente de missão

Evangelizar é anunciar o Evangelho. Esta é a primeira missão da Igreja. A Igreja existe para evangelizar; esta é a sua missão (EN14). Quantas vezes não foram já citadas estas palavras? Tantas vezes repetidas, comentadas incansavelmente. Tantos apelos. Tantas Encíclicas: Evangelii Nuntiandi, Redemptoris Missio, Evangelii Gaudium... Contudo, todas nos mostram que a missão evangelizadora ainda está por terminar. É por isso que continuamos a perguntar-nos: o que é evangelizar?

**Evangelização* é nome de ação. Não consiste apenas em anunciar, pregar, verbalizar ou explicitar o Evangelho. A meta da evangelização consiste em fazer o Evangelho, praticá-lo, traduzi-lo em gestos e atitudes na história humana. Traduzi-lo num estilo de vida que vem a ser verdadeiramente uma Boa Notícia para quem o assume. É traduzi-lo numa forma de viver, numa experiência de vida, numa forma de entender e realizar em plenitude a vida humana pessoal e comunitariamente.*

*No âmbito do Ano missionário 2018/2019, onde fomos chamados a estar **Todos e Tudo e sempre em Missão** e do mês extraordinário da Missão outubro 2019, em que o papa Francisco nos lembra que somos **Batizados e Enviados**, este Guião Missionário 2019/2020 quer ser um humilde suporte para ajudar a concretizar a obra evangelizadora da **Igreja de Cristo em Missão no mundo**, com renovada alegria, novo entusiasmo para que ninguém fique apático nem indiferente e sejamos capazes de chegar a todos.*

Finalidade deste Guião

1

Dinamizar...

...o mês de outubro através de reflexões, momentos de oração e celebrações de modo a torná-lo um mês especialmente dedicado à Missão. E a partir deste mês, que esta dinâmica, se possa estender ao longo de todo o ano.

2

Oferecer material de reflexão, oração e ação para o encontro semanal do grupo, movimento ou comunidade - escolher o dia e hora mais conveniente. É de toda a vantagem que a reflexão realizada e o compromisso assumido pelo grupo sejam partilhados com a comunidade paroquial, no âmbito da Eucaristia dominical.

3

Orientar as comunidades para a participação ativa na Vigília Missionária e na celebração do Dia Missionário Mundial.

4

Aprofundar o espírito e a prática da oração paroquial, comunitária, familiar e pessoal - com preocupações universais - nomeadamente através das <preces diárias>.

5

Sensibilizar as comunidades eclesiais, no sentido de despertarem vocações consagradas e laicais para o serviço missionário universal.

6

Criar uma consciência viva de solidariedade, comunhão e cooperação entre as Igrejas, através de propostas de estilos de vida simples, seguindo critérios de sobriedade alegre e fraterna partilha de bens.

7

Motivar o conhecimento da realidade missionária, de modo a descobrir o entusiasmo e vitalidade das jovens Igrejas, assim como os valores das outras culturas.

Propor atitudes e gestos que levem a um maior espírito de abertura, diálogo, colaboração e compreensão entre as pessoas, grupos e comunidades.

8

Favorecer um maior conhecimento, colaboração, entreaajuda e partilha entre os cristãos, comunidades, associações missionárias laicais, instituições missionárias diocesanas e institutos missionários.

9

Promover, na Igreja e na sociedade em geral, a participação ativa em ações e campanhas que visem a dignidade de todas as pessoas, a solidariedade para com os mais pobres, excluídos e injustiçados, e a proposta de causas a favor da justiça e da paz entre pessoas, grupos e nações.

10



Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2019

[20 de outubro de 2019]

Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo



Queridos irmãos e irmãs,

1. Pedi a toda a Igreja que vivesse um tempo extraordinário de missionariedade no mês de outubro de 2019, para comemorar o centenário da promulgação da Carta apostólica *Maximum illud*, do Papa Bento XV (30 de novembro de 1919). A clarividência profética da sua proposta apostólica confirmou-me como é importante, ainda hoje, renovar o compromisso missionário da Igreja, potenciar evangelicamente a sua missão de anunciar e levar ao mundo a salvação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

2. O título desta mensagem - «*Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo*» - é o mesmo do Outubro Missionário. A celebração deste mês ajudar-nos-á, em primeiro lugar, a reencontrar o sentido missionário da nossa adesão de fé a Jesus Cristo, fé recebida como dom gratuito no Batismo. O ato, pelo qual somos feitos filhos de Deus, sempre é eclesial, nunca

individual: da comunhão com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, nasce uma vida nova partilhada com muitos outros irmãos e irmãs. E esta vida divina não é um produto para vender - não fazemos proselitismo -, mas uma riqueza para dar, comunicar, anunciar: eis o sentido da missão. Recebemos gratuitamente este dom, e gratuitamente o partilhamos (cf. Mt 10, 8), sem excluir ninguém. Deus quer que todos os homens sejam salvos, chegando ao conhecimento da verdade e à experiência da sua misericórdia por meio da Igreja, sacramento universal da salvação (cf. 1 Tm 2, 4; 3, 15; Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 48).

3. A Igreja está em missão no mundo: a fé em Jesus Cristo dá-nos a justa dimensão de todas as coisas, fazendo-nos ver o mundo com os olhos e o coração de Deus; a esperança abre-nos aos horizontes eternos da vida divina, de que verdadeiramente participamos; a caridade, que antegozamos nos sacramentos e no amor fraterno, impele-nos até aos confins da terra (cf. Miq 5, 3; Mt 28, 19; At 1, 8; Rm 10, 18). Uma Igreja em saída até aos extremos confins requer constante e permanente conversão missionária. Quantos santos, quantas mulheres e homens de fé nos dão testemunho, mostrando como é possível e praticável esta abertura ilimitada, esta saída misericordiosa ditada pelo impulso urgente do amor e da sua lógica intrínseca de dom, sacrifício e gratuidade (cf. 2 Cor 5, 14-21)!

4. Sê homem de Deus, que anuncia Deus (cf. Carta ap. *Maximum illud*): este mandato toca-nos de perto. Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque fruto do amor de Deus. Ainda que meu pai e minha mãe traíssem o amor com a mentira, o ódio e a infidelidade, Deus nunca Se subtrai ao dom da vida e, desde sempre, deu como destino a cada um dos seus filhos a própria vida divina e eterna (cf. Ef 1, 3-6).

5. Esta vida é-nos comunicada no Batismo, que nos dá a fé em Jesus Cristo, vencedor do pecado e da morte, regenera à imagem e semelhança de Deus e insere no Corpo de Cristo,

que é a Igreja. Por conseguinte, neste sentido, o Batismo é verdadeiramente necessário para a salvação, pois garante-nos que somos filhos e filhas, sempre e em toda parte: jamais seremos órfãos, estrangeiros ou escravos na casa do Pai. Aquilo que, no cristão, é realidade sacramental - com a sua plenitude na Eucaristia -, permanece vocação e destino para todo o homem e mulher à espera de conversão e salvação. Com efeito, o Batismo é promessa realizada do dom divino, que torna o ser humano filho no Filho. Somos filhos dos nossos pais naturais, mas, no Batismo, é-nos dada a paternidade primordial e a verdadeira maternidade: não pode ter Deus como Pai quem não tem a Igreja como mãe (cf. São Cipriano, *A unidade da Igreja*, 4).

6. Assim, a nossa missão radica-se na paternidade de Deus e na maternidade da Igreja, porque é inerente ao Batismo o envio expresso por Jesus no mandato pascal: como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós, cheios do Espírito Santo para a reconciliação do mundo (cf. Jo 20, 19-23; Mt 28, 16-20). Este envio incumbe ao cristão, para que a ninguém falte o anúncio da sua vocação a filho adotivo, a certeza da sua dignidade pessoal e do valor intrínseco de cada vida humana desde a concepção até à sua morte natural. O secularismo difuso, quando se torna rejeição positiva e cultural da paternidade ativa de Deus na nossa história, impede toda e qualquer fraternidade universal autêntica, que se manifesta no respeito mútuo pela vida de cada um. Sem o Deus de Jesus Cristo, toda a diferença fica reduzida a ameaça infernal, tornando impossível qualquer aceitação fraterna e unidade fecunda do género humano.

7. O destino universal da salvação, oferecida por Deus em Jesus Cristo, levou Bento XV a exigir a superação de todo o fechamento nacionalista e etnocêntrico, de toda a mistura do anúncio do Evangelho com os interesses económicos e militares das potências coloniais. Na sua Carta apostólica *Maximum illud*, o Papa lembrava que a universalidade divina da missão da Igreja exige o abandono duma pertença exclusivista à própria pátria e à própria etnia. A abertura da cultura e da comunidade à novidade salvífica de Jesus Cristo requer a superação de toda a indevida introversão étnica e eclesial. Também hoje, a Igreja continua a necessitar de homens e mulheres que, em virtude do seu Batismo, respondam generosamente ao

chamamento para sair da sua própria casa, da sua família, da sua pátria, da sua própria língua, da sua Igreja local. São enviados aos gentios, ao mundo ainda não transfigurado pelos sacramentos de Jesus Cristo e da sua Igreja Santa. Anunciando a Palavra de Deus, testemunhando o Evangelho e celebrando a vida do Espírito, chamam à conversão, batizam e oferecem a salvação cristã no respeito pela liberdade pessoal de cada um, em diálogo com as culturas e as religiões dos povos a quem são enviados. Assim a *missio ad gentes*, sempre necessária na Igreja, contribui de maneira fundamental para o processo permanente de conversão de todos os cristãos. A fé na Páscoa de Jesus, o envio eclesial batismal, a saída geográfica e cultural de si mesmo e da sua própria casa, a necessidade de salvação do pecado e a libertação do mal pessoal e social exigem a missão até aos últimos confins da terra.

8. A coincidência providencial do Mês Missionário Extraordinário com a celebração do Sínodo Especial sobre as Igrejas na Amazônia leva-me a assinalar como a missão, que nos foi confiada por Jesus com o dom do seu Espírito, ainda é atual e necessária também para aquelas terras e seus habitantes. Um renovado Pentecostes abra de par em par as portas da Igreja, a fim de que nenhuma cultura permaneça fechada em si mesma e nenhum povo fique isolado, mas se abra à comunhão universal da fé. Que ninguém fique fechado em si mesmo, na autorreferencialidade da sua própria pertença étnica e religiosa. A Páscoa de Jesus rompe os limites estreitos de mundos, religiões e culturas, chamando-os a crescer no respeito pela dignidade do homem e da mulher, rumo a uma conversão cada vez mais plena à Verdade do Senhor Ressuscitado, que dá a verdadeira vida a todos.

9. A este respeito, recorro as palavras do Papa Bento XVI no início do nosso encontro de Bispos Latino-Americanos em Aparecida, Brasil, em 2007, palavras que desejo transcrever aqui e subscrevê-las: «O que significou a aceitação da fé cristã para os povos da América Latina e do Caribe? Para eles significou conhecer e acolher Cristo, o Deus desconhecido que os seus antepassados, sem o saber, buscavam nas suas ricas tradições religiosas. Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente. Significou também ter recebido, com as águas do Batismo, a vida divina que fez deles filhos de Deus

por adoção; ter recebido, igualmente, o Espírito Santo que veio fecundar as suas culturas, purificando-as e desenvolvendo os numerosos germes e sementes que o Verbo encarnado tinha lançado nelas, orientando-as assim pelos caminhos do Evangelho. (...) O Verbo de Deus, fazendo-Se carne em Jesus Cristo, fez-Se também história e cultura. A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas uma regressão. Na realidade, seria uma involução para um momento histórico ancorado no passado» [Discurso na Sessão Inaugural (13 de maio de 2007), 1: *Insegnamenti* III/1 (2007), 855-856].

10. A Maria, nossa Mãe, confiamos a missão da Igreja. Unida ao seu Filho, desde a encarnação, a Virgem colocou-se em movimento, deixando-se envolver totalmente pela missão de Jesus; missão que, ao pé da cruz, havia de se tornar também a sua missão: colaborar como Mãe da Igreja para gerar, no Espírito e na fé, novos filhos e filhas de Deus.

11. Gostaria de concluir com uma breve palavra sobre as Pontifícias Obras Missionárias, que a Carta apostólica *Maximum illud* já apresentava como instrumentos missionários. De facto, como uma rede global que apoia o Papa no seu compromisso missionário, prestam o seu serviço à universalidade eclesial mediante a oração, alma da missão, e a caridade dos cristãos espalhados pelo mundo inteiro. A oferta deles ajuda o Papa na evangelização das Igrejas particulares (Obra da Propagação da Fé), na formação do clero local (Obra de São Pedro Apóstolo), na educação dum consciência missionária das crianças de todo o mundo (Obra da Santa Infância) e na formação missionária da fé dos cristãos (Pontifícia União Missionária). Ao renovar o meu apoio a estas Obras, espero que o Mês Missionário Extraordinário de outubro de 2019 contribua para a renovação do seu serviço missionário ao meu ministério.

12. Aos missionários e às missionárias e a todos aqueles que de algum modo participam, em virtude do seu Batismo, na missão da Igreja, de coração envio a minha bênção.

Vaticano, 9 de junho – Solenidade de Pentecostes – de 2019.

FRANCISCO



FOTO: João Cláudio Fernandes

Missionários porque batizados

1. O Senhor Jesus uniu explicitamente o batismo à tarefa da missão ao ordenar aos primeiros evangelizadores: *“Ide e fazei discípulos em todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”* (Mt 28, 19). Tal como o Filho foi enviado pelo Pai a realizar a obra da salvação, assim o que conhece Jesus Cristo é mandado *“a todos os povos”* para anunciar o amor que Deus devota à humanidade.

2. A missão começa precisamente aqui: Deus quer revelar-Se. Para isso, inicialmente, confia essa tarefa a Jesus Cristo e, depois, àqueles que n’Ele foram enxertados pelo batismo. Confia-a a todos nós que usamos o próprio nome e a condição de filhos no Filho. E, tal como descobrimos no exemplo do Salvador, essa tarefa ou missão possui duas vertentes: a manifestação da glória de Deus, o único Senhor dos senhores, e a salvação ou o bem global de todos os homens e mulheres.

3. Se os cristãos é que formam a Igreja, logicamente têm de ser missionários por natureza, pois esta é fruto do dinamismo comunicativo e salvador de Deus Pai. E só nesta linha é que ela se torna *“luz do mundo e sal da terra”* (Mt 5, 13.14) ou instrumento de salvação universal. Ser Igreja é, de facto, alargar indefinidamente os horizontes universais do amor de Deus, atuá-los na realidade da vida das pessoas e implantar neste mundo a tal *“civilização do amor”*, de que falava São Paulo VI.

4. Estamos no termo de um especial Ano Missionário que se seguiu à proclamação do Papa Francisco deste outubro como Mês Missionário Extraordinário. Que nos ficou deste tempo e desta celebração? Tornámo-nos mais *“discípulos missionários”*? Demo-nos conta de que, pela sua natureza, o batismo já nos

relaciona com a missão? Cresceu em nós o ardor missionário?

5. Sabemos bem que as atuais fronteiras da missão já não coincidem com as de antigamente. Hoje, a missão é dentro e é fora: no lugar onde habitamos, ao nosso lado, na nossa família, há, de certeza, pessoas necessitadas do anúncio do amor misericordioso de Deus. Entretanto, que esta urgência não nos faça esquecer que há muitas gentes e muitos povos que carecem de um primeiro anúncio da verdade da fé, acompanhado pelas obras que o credibilizam.

6. Há sintomas maravilhosos deste empenho missionário dito «ad intra». Pensemos, por exemplo, nas iniciativas que vão de encontro ao mundo da indiferença e na “Missão País”. Temos de o continuar. Mas há que fortalecer e multiplicar a relação com as missões no exterior ou «ad gentes». Já temos algum «voluntariado missionário», «geminções» com as novas Igrejas, etc. Não obstante, precisamos de mais sacerdotes, mais religiosas, mais leigos e até mais famílias implicadas no anúncio e na promoção humana.

7. Portugal foi um grande país missionário. Criou estruturas e deu enormes servidores do Evangelho. Pensemos, por exemplo, no “Padroado”, no “Colégio das Missões” e nos nomes de São Francisco Xavier, São João de Brito e de D. António Barroso. No seguimento desta história riquíssima, temos de recuperar a dimensão missionária. É agora a altura própria. É altura de tomarmos consciência de que o «envio» é consequência lógica do batismo.

+ Manuel Linda

Presidente da Comissão Episcopal da Missão e Nova Evangelização

Batizados e enviados

A Igreja de Cristo em Missão no Mundo

1. O batismo é envio; um envio que é compromisso. Para estar determinado a partir, urge que tenha havido, previamente, um encontro verdadeiro com a fonte da missão, que é o próprio Cristo. Sem esse encontro, qualquer saída será incompleta ou condicionada, pois não permitirá a libertação das peias que acorrentam aos jardins interiores, densamente habitados pelo individualismo e pela autorreferencialidade. O verdadeiro encontro só acontece depois de um esvaziamento, o que exige uma saída de si próprio, um situar-se na periferia e um equilibrar-se nas margens. A saída, pelo seu lado, só ganhará autenticidade quando se deixar de ser o centro, pois é a partir da periferia que o olhar se torna mais crítico e efetivo.

2. O partir inclui um rasgar horizontes geográficos e culturais, um romper de barreiras da nacionalidade (cf. Bento XV, *Maximum Illud*), num permanente esforço por derrubar muros e construir pontes de entendimento. Com audácia e confiança, testemunhando - por palavras e por gestos - o fogo que consome, e a paixão que agita. Nesta peregrinação amorosa, não há como fugir ao desafio da interculturalidade, começando pelo gigantesco fenómeno da migração dos povos e do encontro de culturas. Vive-se uma época muito especial, em que se pode, a cada momento, experimentar a veracidade das palavras do Papa Francisco de que a missão, além de ser uma paixão por Jesus, é «simultaneamente, uma paixão pelo seu povo» (EG, 268). E o «seu povo» é todo aquele que entra na nossa vida quotidiana, por meio de encontros e desencontros. Este fenómeno multicultural terá de ser enfrentado sem subterfúgios, na partilha do melhor de nós mesmos e bebendo do manancial que o outro e dissemelhante, nos oferece.

3. É por isso que, na sua missão no mundo, entre perplexidades e desconfortos, a Igreja precisa de afinar a sua capacidade de escuta: escuta do outro e dos seus anseios; atenta aos sinais, sem incorrer na grave tentação de impedir ou controlar o «sopro» do Espírito. Sim, urge o avivar da predisposição para «derrubar os muros do eu e superar as barreiras do egoísmo» (Papa Francisco, *Laudato Si*, 149). A missão é maior - muito maior - do que a nossa pequenez. Podemos, até, fazer muitas coisas belas, mas continuaremos estéreis, se ignorarmos a intrepidez e a novidade do Espírito; faltar-nos-á a alma. Abramo-nos à surpresa; estimulemos, espicacemos, esporeemos a imaginação na nossa pastoral, na nossa catequese, na nossa evangelização, na nossa caridade, na nossa missão no mundo.

4. Escutar, partir, testemunhar. Três verbos que podem resumir toda a atividade da Igreja, constituída por batizados e enviados. Respondamos aos apelos que nos são dirigidos. Sejam missão no mundo, em disponibilidade para lavrarmos terrenos abandonados, inóspitos ou indiferentes, reconhecendo a nossa fragilidade e sintonizando com a fragilidade do outro; sintamo-nos enviados a derramarmos o que nos enche a alma; sejamos Igreja atenta, de coração aberto, enviada e comprometida; pelo testemunho, «constituam-nos em “estado permanente de missão”» (EG 25).

Adelino Ascenso
Presidente dos IMAG

Primeira semana

Ambientação

Preparar um espaço de oração bem cuidado (vela, cruz, imagens, fotografias de missões).

Introdução

Para que seja verdade - para que a graça baste - é preciso chegar ao nada. Quando dizemos que Deus basta, dizemos que não é preciso mais nada. Se não é preciso mais nada, quer dizer que Deus é tudo. Houve mudança radical nos pontos de apoio, verdadeira transfiguração da esperança e, por isso, da existência, provocada pela noite do Espírito. Dizer que Deus basta significa pôr n'Ele, sem interrupção, toda a esperança ou, por outras palavras, fazer da confiança a atitude básica da relação com Ele, e deixar para trás, na vida, todas as outras seguranças.

A confiança, transformada em atitude permanente, pode chamar-se abandono filial. É uma atitude de infância viril, não sei como dizer. Não é demissão; é o máximo da liberdade e da entrega. Não é infantilismo; é maturidade humana a caminho do ponto mais alto, no conhecimento do amor e da verdade. Não é falta de confiança em si; é segurança máxima de si, ao caírem todos os medos e bloqueios. É acolhimento responsável da ternura imensa do Criador, e entrada na relação criadora do Pai. É aventura da fé e salto no desconhecido. Como efeitos que ficam, destacamos a quietude permanente, possuída por um dinamismo que já não é deste mundo. Não há fracasso nem morte, nem previsões aflitivas do que possa acontecer, que

perturbem. É vida eterna antecipada: “Não vos inquieteis quanto à vossa vida...olhai as aves do céu... o Pai do céu alimenta-as”. (Mt 6, 25-34)

Luís Rocha e Melo SJ, *in Se Tu Soubesses o Dom de Deus*
- Ensaio sobre a Oração

Cântico inicial

Escutar a Palavra - Mateus 14, 7-14

Todo o cristão é missionário. Desde o batismo que somos chamados a anunciar Jesus Cristo pelo testemunho, em todas as circunstâncias. É esse o sentido do óleo do Crisma com que os cristãos são ungidos. O chamamento para a missão foi feito por Jesus, desde o princípio.

- Ao escolher os apóstolos, quando lhes deu a missão de serem “pescadores de homens.” (Mt 4)
- Ao enviar os 72 discípulos, disse-lhes que “em qualquer casa onde entrassem deveriam dar a paz, curar os doentes e transmitir a força do Espírito.” (Lc 10, 5)
- No Monte da Ascensão, Jesus disse: “Ide por todo o mundo, anunciai o Evangelho a toda a criatura, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” (Mt 28, 19-21)
- Finalmente, na manhã de Pentecostes, os apóstolos, reunidos no Cenáculo, receberam o Espírito Santo e, com o dom das línguas, ficaram marcados com o carisma da missão evangelizadora. Dali, partiram para o mundo todo, a anunciar o Evangelho.

Quem, um dia, se deixou apaixonar por Jesus, não pode guardá-l'O para si próprio, tem de “apregoar” o seu nome. Anunciará, então, a vida d'Aquele que veio para redimir e salvar toda a humanidade.

Os frutos de oração

O fruto do silêncio é a oração

O fruto da oração é a fé

O fruto da fé é o amor

O fruto do amor é o serviço

O fruto do serviço é a paz

Madre Teresa de Calcutá

Cântico final



Segunda semana

Introdução

Não somos o início nem estamos no início da história: somos descendentes, herdeiros, discípulos.

Não somos seres acabados: construímo-nos, aos poucos, através do método tentativa-erro.

Não somos ilhas: caminhamos obrigatoriamente com outros, sempre diferentes de nós.

Por essas razões, a geração que “está aí” é completamente diferente da atual e provará que só em parte temos razão e que nos julgará também por isso. “Temos de aprender a não ter (sempre) razão. Temos de aprender a perder no jogo” (Gadamer). Somos só chamados a nunca começar do zero e a manter o saldo positivo. Como bem escrevia Etty Hillesum: “tenho de viver a minha vida tão bem e tão completa e convincentemente quanto possível até ao meu derradeiro suspiro, para que o que vem a seguir não precise de começar de novo nem tenha as mesmas dificuldades. Não é isto fazer alguma coisa pela posteridade?”. Sacrifício é também libertar-se do veneno do medo de perder autoridade, privilégios ou de falhar. Sacrifício é ser feliz por sermos ultrapassados, e bem, por aqueles que procuramos hoje educar. Sacrifício é sinónimo de ponte entre margens (que outros percorrem) e não de estátua de centro de jardim. Sacrifício é, para o semeador, acreditar mais na força nuclear da semente do que na quantidade da colheita e mesmo até na fundura da mão que semeia.

Escuta da Palavra (2 Tim 1, 3-8)

“Dou graças a Deus, a quem sirvo em consciência pura,

como já o fizeram os meus antepassados, ao recordar-te constantemente nas minhas orações, noite e dia. Ao lembrar-me das tuas lágrimas, anseio ver-te, para completar a minha alegria, pois trago à memória a tua fé sem fingimento, que se encontrava já na tua avó Loide e na tua mãe Eunice e que, estou seguro, se encontra também em ti. Por isso recomendo-te que reacendas o dom de Deus que se encontra em ti, pela imposição das minhas mãos, pois Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de bom senso. Portanto, não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro, mas compartilha o meu sofrimento pelo Evangelho, apoiado na força de Deus”.

A Palavra gera oração

Deus, dá à nossa vida / a pobreza do Espírito e da miséria / pois só assim se conhece a esperança / dá-nos o dom da doçura / que acalma a tristeza e reduz o ódio / dá-nos a presença discreta / e silenciosa junto dos que sofrem // que a justiça que não demos / nos pese como a fome ou a sede / e não apenas como uma palavra vazia / que se abra à miséria o nosso coração / e saibamos perdoar / dá-nos o conhecimento e o gosto das lágrimas / para melhor acolhermos a vida / e os recomeços // que venha o teu tempo, Deus, / o teu dia, / não amanhã, / mas o hoje / e para um tempo / que não acabará nunca. (José Augusto Mourão)

A Palavra torna-se ação

Os momentos de sacrifício tornam-se muitas vezes lugares de discernimento, abrindo horizontes para que o caminho se torne mais claro, para reencontrarmos muitas vezes o caminho do nosso coração e do coração de Deus. Estamos perante tempos novos, grávidos de Deus. Por isso, nesta semana procura escrever em pedacinhos de papel (ou por outros meios tecnológicos) pequenas frases bíblicas e oferece-as assim, sem mais, a alguém que pressintas que pode estar a precisar de uma Palavra boa. Reacende o dom de Deus que se encontra em ti e que só pode ser partilhado.

Terceira semana

Introdução

Cristo envia-nos todos os dias. Tem uma missão concreta e diária para todos nós. Ao longo da sua vida foi-nos dando várias pistas de como fazer da nossa vida Missão. Uma destas pistas é vivê-la partilhando, não olhando a quem. Uma partilha física e sentimental que está ao alcance de todos nós.

Cântico inicial

Escutar a Palavra - Mc 12, 41-44

A Palavra gera Oração

Senhor, que a nossa vida seja partilhada. Que não nos volte-mos para dentro de nós mesmos, mas que vivamos para e com os outros. Só assim faz sentido viver a missão para a qual nos chamas e nos envias todos os dias. Pedimos-Te, que tal como esta viúva, saibamos partilhar aquilo que temos e não apenas o que nos sobra.

A Palavra torna-se Ação

Esta viúva impõe-nos um dever moral de sairmos da nossa zona de conforto e vivermos em Missão. Esta Missão de Partilha, de viver para o outro. Vamos fazer como Jesus nos ensinou e seguir o seu exemplo de vida no nosso dia a dia. Que o mundo não nos passe ao lado, que queiramos fazer parte ativa dele dando-nos uns aos outros, praticando a entre ajuda, vivendo a Partilhar!

Quarta semana

Introdução

Por vocação entendemos um chamamento de Deus, que requer confiança no seu reconhecimento do nosso valor para servir, de partir por Ele, sem olhar para trás, sem questionar e sem procurar descanso. Para iniciar o caminho da vocação não é preciso ter a certeza absoluta deste chamamento de Deus, basta ter a certeza moral. A decisão é um passo na fé, um ato de confiança. E quando tomarmos a decisão é só avançar, não deixar que o medo nos vença. Utilizar todos os meios ao nosso alcance para realizarmos o que decidimos.

Cântico inicial

Escutar a Palavra - Lc 9,57

A Palavra gera Oração

*Concede-me, Senhor, umas mãos semelhantes às Tuas
que possam colaborar contigo na construção do Teu Reino.
Concede-me, Senhor, umas mãos que curem
aqueles a quem a vida deixou marcas e feridas.
Concede-me, Senhor, umas mãos que partilhem
tudo o que tenho e o que sou
Concede-me, Senhor, umas mãos que abençoam,
que alentam e confortam
Concede-me, Senhor, umas mãos que servem,
que não se recusam a lavar os pés
daqueles que os sujaram pelos caminhos duros da vida.
Concede-me, Senhor, umas mãos que acariciem
os mais pobres e pequenos.*

*Concede-me, Senhor, umas mãos que aproximem os que estão longe do coração.
Concede-me sobretudo, Senhor, a graça de que as minhas mãos 'toquem' as Tuas mãos para que, reconhecendo-Te como Senhor e Deus da minha vida, possa colaborar conTigo, e como Tu, na construção do Teu Reino.*

Cântico final

A Palavra torna-se Ação

“Para seguir a Jesus, é preciso ter uma boa dose de coragem, é preciso decidir-se a trocar o sofá por um par de sapatos que te ajudem a caminhar por estradas nunca sonhadas”
É este o pedido que nos é feito. Arriscarmos, seguirmos Jesus, deixarmos uma marca nas vidas que se partilham, marcas na histórias que se cruzam e que se deixam conhecer. Temos sede de ser mais, de dar mais, e de olhar para fora, além do horizonte que nos parece ser o alcançável. Sejamos então vida posta em ação, mãos ao serviço e olhar decidido.

Oração com os doentes

Aprendemos a ser nós mesmos quando descobrimos que a consolação que podemos oferecer é o que vivemos. Quando integramos na nossa existência a dor e o amor, em partes iguais. Ou quando entendemos que nas situações difíceis, algumas sem esperança, também está a missão, o anúncio do Reino de Deus.

Oração

*Senhor,
Entre problemas e problemas
Para ti elevo a minha alma.
Entre sofrimento e dúvidas,
Para ti elevo a minha alma,
a ti, Senhor, a ti, meu Salvador,
Para que me ensines os teus caminhos,
Que são verdade e misericórdia,
Cheios de sinais de justiça e solidariedade,
Com semáforos de liberdade, sempre abertos,
Em direção aos mais pobres e mais humildes,
aos que mais sofrem e estão sozinhos.
Faz com que eu seja no teu caminho,
Uma fonte de amor e de alegria para todos.
Ámen.*

Leitura do Salmo 126

Quando o SENHOR mudou o destino de Sião,
parecia-nos viver um sonho.
A nossa boca encheu-se de sorrisos
e a nossa língua de canções.
Dizia-se, então, entre os pagãos:

“O SENHOR fez por eles grandes coisas!”
Sim, o SENHOR fez por nós grandes coisas;
por isso, exultamos de alegria.
Transforma, SENHOR, o nosso destino,
como as chuvas transformam o deserto do Négueb.
Aqueles que semeiam com lágrimas,
vão recolher com alegria.
À ida vão a chorar,
carregando e lançando as sementes;
no regresso cantam de alegria,
transportando os feixes de espigas.

Meditando:

*O Senhor fez por nós grandes coisas.
Deus é grande.
Deus é grande na sua misericórdia.
Nunca abandona os seus filhos.
Também sofre quando eles sofrem.*

*Quando o Senhor mudou o destino de Sião
Parecia-nos viver um sonho.
Poder sonhar e sonhar e sonhar,
porque a misericórdia de Deus não acaba.
Sonha com um mundo límpido,
com os homens livres,
com uma sociedade solidária,
com uma família fraterna.
Sonha com a paz entrando alegre
pela janela da casa de cada um.
Sonha com a verdade, resplandecendo
como o Sol ao meio-dia.
Sonha com a justiça, partilhando-a com todos
na brisa suave de cada entardecer.
Sonha com o amor gasto depois de tanta entrega,
recuperando energias, na serenidade da noite.*

*A nossa boca encheu-se de sorrisos
E a nossa língua de canções.
Não deixes de sorrir.
Somos filhos do riso, como Isaac,
filhos das Bem-aventuranças.*

Não deixes de cantar: Aleluias!
A vitória da salvação é definitiva,
vitória de amor do nosso Deus.

Transforma Senhor o nosso deserto.
Transforma o nosso sofrimento em sacramento,
as nossas lágrimas em graça.
as nossas dores em cânticos.
a nossa morte em Páscoa.

Rezo:

Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa mãe
A ti me consagro e confio a minha existência.
Aceita o meu passado com tudo o que foi.
Aceita o meu presente com tudo o que é.
Aceita o meu futuro com tudo o que será.
Com total consagração
Te confio quanto tenho e quanto sou
Tudo o que recebi de Deus.
Ámen.

VENERÁVEL PAULINE-MARIE JARICOT (1799 - 1862)

FUNDADORA DA OBRA MISSIONÁRIA
DA PROPAGAÇÃO DA FÉ



Pauline-Marie Jaricot nasceu numa família de fiéis católicos, a 22 de julho de 1799, imediatamente a seguir à Revolução Francesa. Era a sétima e última filha de Antoine e Jeanne Jaricot, comerciantes de seda de Lyon, cidade cujas raízes cristãs remontam ao século II e que se orgulha de ter tido o Padre da Igreja Santo Ireneu como seu segundo Bispo.

Pauline foi batizada no dia do seu nascimento. Os seus pais tinham pedido a um sacerdote fiel ao Papa que batizasse a sua última filha na casa de família, porque o seu pároco de San Nizir tinha prestado o juramento exigido pelo Governo revolucionário, um juramento que minava a autoridade da Igreja em França. Portanto, foi num clima de instabilidade civil e durante um período de profundas mudanças sociais que Pauline viveu neste mundo e levou ao seu termo um trabalho que viria a ser crucial para a atividade da evangelização.

De todos os relatos se depreende que foi uma criança feliz e muito viva, determinada e até obstinada. Na sua autobiografia - que deve ser lida com ponderação, visto que Pauline era muito severa consigo mesma - escreve: "Nasci com uma imaginação ardente, uma atitude superficial e um caráter violento e preguiçoso. Seria capaz de me deixar dominar completamente por outras coisas... [mas] Deus deu-me um coração fiel, que se abandonava facilmente à devoção." Era muito afeiçoada ao seu irmão Phileas, dois anos mais velho do

que ela, que estava decidido a tornar-se missionário na China. Quando Phileas anunciou o seu propósito, Pauline comunicou de imediato a sua intenção de o acompanhar para se ocupar dos pobres e dos doentes e para arranjar as flores na igreja.

Durante a sua adolescência e os primeiros anos da sua idade adulta, era inconstante na devoção: alternava momentos de oração intensa, em que brotava dela o desejo de passar longos períodos na igreja, diante do Santíssimo Sacramento a rezar, por intercessão da Virgem Maria, com outras ocasiões em que sentia um desejo profundo de participar em eventos mundanos, envergando roupas elegantes e sendo admirada e cortejada por rapazes sobre os quais fantasiava idílicos e possíveis casamentos. A 16 de abril de 1812, aos treze anos de idade, após uma séria e fervorosa preparação, recebeu a sua Primeira Comunhão, com enorme devoção.

A sua vida, porém, sofreria uma mudança drástica aos quinze anos de idade, após um acidente doméstico. Estava a fazer limpezas quando caiu de um escadote, embatendo violentamente no chão. A queda abalou gravemente o seu sistema nervoso, afetando-lhe os movimentos dos membros e a fala. Embora os médicos tivessem experimentado várias terapias, mostravam-se pessimistas sobre a possibilidade de encontrar um remédio. A mãe, muito preocupada com a saúde de Pauline, também adoeceu, e a sua doença agravou-se ainda mais com a notícia da morte inesperada do seu primogénito Narcisse, aos vinte e um anos de idade. Antoine Jaricot decidiu enviar a sua filha para uma pequena aldeia fora de Lyon, na esperança de que, separando mãe e filha, pudesse acelerar a cura de ambas. Infelizmente, porém, a 29 de novembro de 1814, Jeanne Jaricot morreu. Por medo de que se agravasse ainda mais a saúde de Pauline, a família decidiu não a informar da morte da mãe.

O pároco local convidou Pauline a retomar a prática religiosa, e ela decidiu pedir livremente o Sacramento da Reconciliação e da Eucaristia. A experiência do perdão e do alimento espiritual exerceu um efeito profundo sobre ela. A partir desse momento, começou a recuperar o uso dos membros e, quando finalmente lhe foi anunciada a morte da mãe, admitiu que já o tinha suspeitado. Mal conseguiu caminhar, pediu que



FOTO: Lúcia Pedrosa

a acompanhassem à Basílica de Notre Dame de Fourvière, em Lyon, para poder rezar diante da magnífica imagem de [Nossa Senhora, que apresenta o Menino Jesus ao mundo](#).

A partir de então, Paulina decidiu dedicar a sua vida exclusivamente ao serviço dos pobres e dos doentes, visitando diariamente os hospitais e as pessoas incuráveis, ligando as suas feridas e dirigindo-lhes palavras de conforto. A ajuda aos necessitados era acompanhada por uma vida de intensa oração, recebendo diariamente a Eucaristia e intercedendo pela conversão dos pecadores e pela evangelização do mundo. Aumentou muito nela a devoção ao Sagrado Coração, e ingressou na Associação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Isso levou-a a criar uma nova Associação chamada *Réparation*, convidando a associar-se à mesma muitas mulheres de Lyon que trabalhavam quase como escravas nas fábricas de seda da cidade. As suas meditações diante do sacrário inspiraram-na a escrever e publicar o livro *O Amor infinito na Divina Eucaristia*, uma fonte de consolação e de alimento espiritual para muitos.

Nessa época, o seu irmão Phileas estava no seminário, em Paris; informou Pauline de que a Sociedade para as Missões dessa cidade queria enviar sacerdotes para a Ásia, e de que as igrejas deveriam encontrar uma forma de angariar fundos suficientes para garantir o êxito do empreendimento. Foi então que Pauline teve uma ideia que mudaria a história: decidiu convidar cada membro da Associação *Réparation* a encontrar dez novos membros que rezassem e oferecessem um cêntimo de franco por semana para a evangelização do mundo, ou, como se dizia no tempo de Pauline, para a propagação da Fé. À frente de cada grupo de dez membros colocou um *dizeneire* (capitão de dez), à frente de cada grupo de cem membros, um *centenaire* (capitão de cem) e, por cada grupo de mil membros, um *millenaire* (capitão de mil).

A ideia era simples: rezar pessoalmente e angariar fundos, criando uma rede de relações pessoais. O capitão de dez encontrar-se-ia com os respetivos membros e recolheria os cêntimos todas as semanas, o capitão de cem recolheria os cêntimos dos capitães de dez e, por fim, o capitão de mil recolheria os cêntimos dos capitães de cem. Os consistentes fundos recolhidos eram repartidos e enviados para todo o mundo.

A ideia difundiu-se e assim foi fundada a Sociedade para a Propagação da Fé, que pouco depois começaria a estender-se para fora de França, transformando-se num fenómeno mundial. A 22 de maio de 1922, por decisão do Papa Pio XI, foi transformada na Obra Pontifícia da Propagação da Fé. Desse modo o Santo Padre queria expressar a sua paternal solicitude para com as Igrejas locais nascidas da atividade missionária.

A sua reputação de mulher devota e resoluta na fé granjeou a Pauline um grande respeito por parte do Santo Padre, dos cardeais, dos bispos e de vários santos seus contemporâneos, alguns dos quais lhe pediam ajuda e se aconselhavam com ela. O fundador da Sociedade para a Santa Infância (hoje conhecida como Obra Pontifícia da Infância Missionária ou da Santa Infância), consultou-a, tentando encontrar a melhor forma de recolher fundos para as crianças das missões dos vários países. Mais tarde, quando a sua saúde começou a piorar, Pauline decidiu fazer uma peregrinação a Roma, mas adoeceu. Enquanto estava confinada ao leito num convento próximo da Igreja da Santíssima Trinità dei Monti, no alto da escada conhecida como Escadaria da Praça de Espanha, o Santo Padre visitou-a, animando-a e abençoando-a.

Apesar de todos estes enormes êxitos espirituais e missionários, a vida de Pauline foi marcada por inúmeros sofrimentos físicos, emocionais e espirituais. Pauline nunca tinha pensado na vocação religiosa, estando convencida de que fora chamada por Deus como mulher leiga para dedicar a sua humilde existência a ajudar os pobres e as missões. Tendo caído na miséria, foi forçada a inscrever-se na lista dos pobres de Lyon, a fim de poder receber qualquer coisa para comer. O seu amor a Deus, à Virgem e às missões nunca vacilou. Morreu em paz, a 9 de janeiro de 1862, e foi proclamada Venerável pelo Papa João XXIII. A sua causa de beatificação está a ser analisada pela Congregação para as Causas dos Santos, e rezamos para que, em breve, seja reconhecida como Beata.

Vale a pena recordar outra sua preciosa iniciativa missionária de oração. Em 1826, animada pelo êxito da sua abordagem pessoal à organização da Igreja Missionária, através da criação de pequenos grupos, Pauline seguiu o mesmo critério para iniciar e propor o Rosário Vivo. Começou

por organizar os seus amigos e colaboradores por grupos de quinze pessoas, baseando-se no número dos Mistérios do Rosário. Pediu a cada membro que se compromettesse a rezar diariamente uma dezena do Rosário e a meditar sobre um Mistério por dia, durante um mês inteiro. Desse modo, o Rosário era recitado diariamente na íntegra, sendo meditados os seus quinze Mistérios por cada grupo. No início do mês, o responsável do grupo redistribuía pessoalmente os Mistérios pelos membros, assegurando-se de que cada um recebia um Mistério diferente para meditar durante a oração da dezena do Rosário, nas quatro semanas seguintes. Em cada mês, a vida inteira de Cristo era assim meditada pelo grupo. Recorrendo à intercessão da Virgem Maria, rezava-se a Deus, transformando a oração do Rosário numa realidade ‘viva’ de apoio à Missão da Igreja, tendo em vista, de modo particular, a proclamação do Evangelho àqueles que ainda não o tinham recebido.

O sonho de Pauline, relativamente ao Rosário vivo, transformou-se em muito pouco tempo num fenómeno a nível mundial. Em 1831, escrevia ela: “Os grupos de quinze continuam a multiplicar-se a uma velocidade incrível em Itália, na Suíça, na Bélgica, em Inglaterra e em várias partes da América. O Rosário espalhou as suas raízes até à Índia e, sobretudo, ao Canadá.” A esperança de Pauline era que o Rosário Vivo unisse as pessoas espalhadas pelo mundo, em fervorosa oração pela Missão da Igreja.

Assim, a iniciativa do Rosário Vivo teve tanto êxito que, após a morte de Pauline, no ano de 1862, havia mais de cento e cinquenta mil grupos, com dois milhões, duzentos e cinquenta mil membros, só em França! Atualmente, o Rosário Vivo ainda é rezado em muitas partes do mundo, e os grupos de quinze deram lugar a grupos de vinte, devido à inclusão dos novos mistérios luminosos, estabelecidos pelo Santo Padre João Paulo II.

CARLOS DE FORBIN-JANSON

(1785 - 1844)

FUNDADOR DA OBRA
DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA



Carlos de Forbin-Janson nasceu em Paris, no ano de 1785, no seio de uma nobre família militar. Apenas quatro anos mais tarde, a Revolução Francesa obrigou os seus pais a exilarem-se na Alemanha, o que o fez experimentar, desde criança e na sua própria pele, a vida de refugiado, a perseguição, a insegurança, o medo e a pobreza. É esse um dos inúmeros “detalhes” significativos que, desde o início, vão traçar a sua biografia em torno de dois polos: a impotência da infância e a missão como paradigma de apostolado.

Após o regresso à sua pátria, e a sua Primeira Comunhão, o adolescente Forbin-Janson revelou a sua caridosa sensibilidade, inscrevendo-se numa associação que ajudava os mais desfavorecidos nas prisões e nos hospitais. Na capela do Seminário das Missões Estrangeiras, em Paris, onde tinham lugar os encontros, teve a oportunidade de ouvir notícias da missão na China. Discretamente, a dimensão missionária foi-lhe assim apresentada de modo explícito. Carlos tinha à sua frente uma carreira prometedora quando Napoleão o nomeou supervisor do Conselho de Estado. Todavia, apercebendo-se da chamada de Deus, não se deixou seduzir por tal perspectiva e, em 1808, ingressou no seminário de Saint Sulpice, em Paris. Ordenado sacerdote em 1811, e depois de outros destinos iniciais, acabaria por regressar a Paris, onde se ocupou, com alegria, da formação cristã das crianças da sua paróquia.

A apaixonada obra de apostolado que então desenvolveu manifestou-se de modo especial através da sua dedicação às “missões populares”, para reavivar a fé na descristianizada França pós-revolucionária. Assim se destacaram os seus dotes de eloquência, bem como o seu amor e a sua generosidade, que o levaram a renunciar ao seu próprio vestuário para o dar aos mais necessitados. Esta fase da sua vida terminou com a sua partida para a Terra Santa, em 1817.

Em 1824, Forbin-Janson foi consagrado bispo de Nancy-Toul, no nordeste de França. Nessa época, manteve um contacto muito próximo com os missionários que lhe escreviam, pedindo-lhe ajuda. Não só tinha conhecimento da situação das missões na China, mas ele próprio tinha acalentado, desde muito cedo, a ideia de ser missionário. Com efeito, quando a nova revolução de 1830 o forçou a deixar a sua diocese, foi ter com o Papa pedindo-lhe que o enviasse para o Extremo Oriente. Embora Pio VIII tenha acedido ao seu pedido, o seu desejo nunca se pôde concretizar.

Monsenhor Forbin-Janson continuou a desenvolver uma grande atividade no campo da caridade e da assistência, até um novo evento providencial lhe ter permitido seguir livremente a sua inclinação para a evangelização ad gentes: tendo sido convidado pelos bispos missionários, partiu para a América do Norte, onde permaneceu de 1839 a 1841. No Canadá, tendo por cenário uma natureza assombrosa, desenvolveu a sua pregação dirigindo-a às tribos nômadas; em seguida, também visitou os Estados Unidos. Entretanto, brotou nele o desejo de criar uma fundação em favor das missões.

Ao regressar a França, continuaram a impressioná-lo as notícias sobre muitas crianças - sobretudo meninas - da China que, sendo abandonadas ou friamente mortas, não recebiam o Batismo. Os angustiosos pedidos de ajuda, lançados pelos sacerdotes da Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, na qual ele próprio tinha pensado ingressar, iam forjando a ideia de salvar a inocência das crianças das terras de missão, através da inocência das crianças cristãs. Os dois polos da sua vida entraram definitivamente em contacto: infância e missão.

Com tais preocupações, no verão de 1842, Monsenhor Forbin-Janson foi a Lyon para falar com Pauline Jaricot, a jovem leiga que, vinte anos antes, tinha lançado as bases da Obra Pontifícia da Propagação da Fé. A partir desse diálogo decisivo, começou a antever a modalidade a seguir na organização de ajuda às crianças da China, que acabaria por se concretizar num “duplo gesto” das crianças da sua diocese: a recitação diária da Ave Maria, acrescida de uma breve oração pelas crianças da missão, e a oferta de uma moedinha por mês.

O bispo consagrou-se a este projeto, destinado a mobilizar as crianças cristãs em favor dos seus irmãos das terras de missão, uma obra que, dando pelo nome de “Santa Infância” - em referência à infância de Jesus -, foi fundada a 19 de maio de 1843. Era a resposta à sua inquietação que durara quase quarenta anos! Para difundir a sua iniciativa, viajou até à sua pátria e, posteriormente, à Bélgica, onde recebeu o apoio dos reis e do Núncio, Monsenhor Gioacchino Pecci, futuro papa Leão XIII. A Santa Infância seria imediatamente acolhida em França, granjeando adeptos em todo o mundo, embora também tivesse de superar algumas resistências. Ao contrário do que temiam os mais desconfiados, a nova Obra não se debilitou, pelo contrário, reforçou a obra da Propagação da Fé e, além disso, antecipou a Obra de São Pedro Apóstolo - fundada em 1889 -, cobrindo aspetos vocacionais que, mais tarde, viriam a ser assumidos por esta última.

Na contemplação da infância do Senhor, Forbin-Janson descobriu uma forma excepcional de aceder ao Mistério da Encarnação, de se fazer um, com Cristo e de partilhar o seu amor salvífico. Nos episódios do Evangelho em que Jesus se refere às crianças, encontrou “uma nova linguagem cheia de ensinamentos e exemplos” da qual transparece “a sua vontade formal de restituir à infância os seus direitos desprezados e de aumentar os seus privilégios”.

Para explicar o significado da Obra, e organizar o seu funcionamento, quatro meses antes da sua morte anunciou a criação - que teria lugar mais tarde, em 1846 -, dos Anais da Santa Infância, uma espécie de correspondência entre as crianças das Igrejas mais consolidadas e as crianças das missões.

Exausto, Monsenhor Forbin-Janson morreu perto de Marselha, em julho de 1844, quando a Santa Infância ainda não contava um ano e meio de vida. Não pôde realizar o seu sonho de partir para a China depois de iniciada a Obra, nem chegou a assistir às expedições das religiosas que, a partir de 1847, e em linha com outra das suas intuições, se ocupariam maternalmente das necessidades das crianças desfavorecidas, na missão. A sua iniciativa foi imediatamente apoiada pelos Sumos Pontífices, apoio esse que dura há cento e setenta e cinco anos e que ainda hoje pode ser resumido com as palavras de encorajamento que Gregório XVI dirigiu ao bispo: “Continue a fundar a Obra. Na verdade, é uma Obra de Deus. Tem a nossa bênção”. Em 1922, por concessão de Pio XI, a Obra recebeu a qualificação de “Pontifícia”.

JOANA BIGARD

(1859 - 1934)

FUNDADORA DA OBRA PONTIFÍCIA
SÃO PEDRO APÓSTOLO



Joana Bigard nasceu a 2 de dezembro de 1859, em Coutances, cidadezinha da baixa Normandia, em França. A sua mãe, Stéphanie Cottin, era uma mulher de caráter forte e de amor possessivo. Entre mãe e filha desenvolveu-se uma tal simbiose de sentimentos e de ideais, que quase as tornava indispensáveis uma à outra.

A idade escolar de Joana foi passada com uma saúde precária, confinada à sua casa de Caen, cidade para onde o seu pai, magistrado, tinha sido transferido por razões de trabalho. A instrução que lhe foi dada em casa era certamente superior à recebida pelas suas companheiras de idade, tendo em conta o alto nível cultural da família Bigard, mas não lhe permitia desfrutar da liberdade, da despreocupação, das brincadeiras e do calor da amizade.

A juventude de Joana desenrolou-se numa época de pleno desenvolvimento daquela rede de cooperação missionária dos tempos modernos que teve as suas raízes na França pré napoleónica. O Instituto das Missões Estrangeiras de Paris tornar-se-ia o fulcro do despertar missionário e o centro propulsor de algumas associações missionárias que, mediante a oração e as ajudas espontâneas, se propunham apoiar os missionários enviados para o Extremo Oriente e para a América do Norte.

Por iniciativa de várias pessoas, em particular de Pauline Jaricot (1799-1862), tinha surgido, em Lyon, a *Obra da Propagação da Fé* (1822). Nos primeiros trinta anos, esta obra conseguiu difundir-se por muitos Estados Europeus, incluindo Itália, suscitando o interesse popular pelas missões, sobretudo através de publicações de carácter edificante, como os Anais da Propagação da Fé, que permitiam divulgar as arrojadas e benéficas experiências dos missionários, mas também os diversos problemas daqueles povos.

Através de tais leituras, Stéphanie e Joana Bigard, já em estreita relação com as Missões Estrangeiras de Paris, travavam conhecimento com alguns sacerdotes missionários que trabalhavam no Extremo Oriente, dos quais se viriam a tornar confidentes e apoiantes. Ao mesmo tempo que se iam multiplicando as forças missionárias, na Europa, advertia-se, precisamente, a necessidade urgente de instaurar nos territórios de missão uma hierarquia local, livre de qualquer pressão política e autónoma em termos do exercício pastoral. As duas Bigard, graças aos seus contactos já habituais com os missionários, intuíram o problema e começaram a elaborar mentalmente uma resposta adequada. A Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, que frequentavam habitualmente, já tinha inserido há algum tempo, no seu programa, a constituição imediata da Igreja local com uma hierarquia formada por nativos locais. Não era fácil implementar tal programa.

A Congregação romana *De Propaganda Fide* começou a abordar com insistência o problema do clero local, baseando-se na célebre Instrução de 1659¹, na qual se exortavam os missionários a usar da máxima solícitude na formação do clero local. Com a Instrução de 1845², convidavam-se os Vigários Apostólicos, diretamente ligados à *Propaganda Fide*, a passar para as mãos dos sacerdotes nativos a responsabilidade pelas missões e a não ter medo de subordinar aos mesmos os próprios missionários europeus. As perseguições, com a possibilidade de uma expulsão em massa dos missionários estrangeiros, aconselhavam, como solução urgente, a criação de um clero nativo. Para poder garantir o crescimento das Igrejas locais nos

¹ Congregação *De Propaganda Fide*, *Istruzione* 1659, *Collectanea* 1 (1622-1866), n. 135, 42-43.

² Congregação *De Propaganda Fide*, *Collectanea* 1 (1622-1866), n. 1002, 541-545.

territórios de missão, a questão central a resolver continuaria a ser, durante muitos anos, a formação do clero nativo. Nisso se concentraram as duas mulheres Bigard.

O ponto de partida seria uma carta, que lhes foi endereçada a 1 de junho de 1889, pelo bispo de Nagasaki, Monsenhor Giulio Alfonso Cousin das Missões Estrangeiras de Paris. Preocupado por terem de mandar de volta para as respetivas famílias (apenas por falta de fundos) “alguns rapazes que poderiam vir a ser excelentes seminaristas e, mais tarde, bons sacerdotes”³, pediu a Joana e Stéphanie Bigard que ajudassem o seu seminário, tornando-se suas patrocinadoras. Sugeriu ainda a “adoção de um seminarista que, mais tarde, levará diariamente ao santo altar a recordação dos seus pais adotivos, tanto ao longo da sua vida, como depois da sua morte.”⁴ Para Joana e Stéphanie, aquela carta soou como uma chamada. O clero nativo viria a ser a vocação à qual poderiam dedicar, sem reservas, toda a sua vida. Dedicaram-se imediatamente à angariação de fundos para os seminaristas de Nagasaki e, ao mesmo tempo, recolheram informações dos bispos e dos vigários apostólicos das Missões Estrangeiras de Paris sobre o estado do clero local nos seus países.

O caminho empreendido teria resolvido o problema central da Missão, garantindo a presença do clero local. A fundação da Obra de São Pedro Apóstolo passou por várias fases: num primeiro momento, para satisfazer os pedidos de Monsenhor Cousin e de outros missionários, conseguiu várias bolsas de estudo para seminaristas e foram confeccionados paramentos litúrgicos para as missões. Joana compreendia que a sua Obra deveria volver o olhar para as missões do universo⁵, porque todo o mundo missionário tinha necessidade de sacerdotes.

Em perspetiva, a Obra queria estar aberta às pessoas que, em todo o mundo, contribuía ou teriam contribuído, segundo as suas possibilidades, para apoiar:

1. A criação de bolsas perpétuas;
2. A adoção de um seminarista;
3. A oração, as oferendas e o trabalho.

3 JB 32.

4 JB 32.

5 JB 38



FOTO: Lúcia Pedrosa

No entanto, para garantir um lançamento seguro, eram necessárias duas condições imprescindíveis: a graça de Deus e a bênção do Papa. Será o próprio Leão XIII a proporcionar uma oportunidade nesse sentido, com a sua Encíclica *Ad Extremas Orientis*⁶, com a qual declarou a urgência da formação dos sacerdotes nativos.

Os missionários que ignoravam a língua e os costumes do lugar eram considerados estrangeiros, ao passo que os sacerdotes nativos seriam ajudados no seu ministério. Devia, portanto, ter-se presente que o número dos missionários estrangeiros não conseguiria acompanhar o ritmo do aumento das conversões.

A Obra de São Pedro Apóstolo já tinha no seu ativo mil associados e uma longa lista de bolsas de estudo, no valor de cem mil francos, destinadas a seminaristas asiáticos e africanos. Era lícito esperar um sinal de aprovação, vindo de Roma. A bênção do Papa chegou em 1895, quando o episcopado francês também concedeu o *nihil obstat* à Obra de São Pedro Apóstolo para o Clero indígena das Missões, que assim passou a pertencer plenamente à Igreja universal. A *Propaganda Fide* garantiu o seu pleno apoio à Obra através dos seus prefeitos, os Cardeais Ledochowski e Jacobini. Este último antecipou, por carta, a inserção da mesma nas Obras Missionárias Pontifícias, ocorrida a 3 de maio de 1922, por vontade de Pio XI.

A solidão e o abandono que experimentam muitos fundadores e fundadoras também impressionaram Joana. A 5 de janeiro de 1903, à cabeceira da mãe Stéphanie, moribunda, está só Joana Bigard, que ofereceu a Deus o seu sofrimento e o amor daqueles que a tinham ajudado e seguido. Temia a escuridão espiritual, e rezava a Jesus, pedindo-lhe que fosse o seu companheiro de viagem “até ao dia em que me perderei no vosso amor.”⁷ Estava preocupada com a continuidade da obra que, no final, confiaria à Congregação Religiosa das Franciscanas Missionárias de Maria⁸.

6 Leão XIII, Enc. *Ad Extremas Orientis* (24/6/1893), *Acta Leonis XIII*, 13 (1894), 190-197.

7 JB 88.

8 O instituto das Franciscanas Missionárias de Maria, foi fundado por Helena Chappotin de Neuville (1839-1904), que, como religiosa, tomou nome de Maria da paixão. Aprovado a 17 de julho de 1890, o Instituto, dado o seu caráter essencialmente missionário, obteve a aprovação das suas Constituições pela Congregação *De Propagande Fide* a 8 de julho de 1922.

A longa doença que a conduziu à morte, ocorrida a 28 de abril de 1934, revela a lógica misteriosa das obras de Deus, que muitas vezes concede a abundância dos seus dons como resposta a pessoas que sabem entregar completamente a sua própria vida até à cruz.

A Obra de São Pedro Apóstolo já fazia plenamente parte da vida da Igreja. Apareceu pela primeira vez num documento solene do magistério, a *Maximum Illud*, do Papa Bento XV, como a Obra competente em termos de seminários e de hierarquia local. A 3 de maio de 1922, Pio XI declara-a “Obra Pontifícia”. Este mesmo Papa ordenou os primeiros bispos da China, do Japão e do Vietname, aos quais se seguiram os primeiros vigários apostólicos de África, consagrados em 1939, por Pio XII.

BEATO PAULO MANNA

(1872 - 1952)

FUNDADOR DA OBRA PONTIFÍCIA
UNIÃO MISSIONÁRIA



“No padre Paulo Manna, apreendemos um reflexo especial da glória de Deus. Gastou toda a sua existência pela causa missionária. De todas as páginas dos seus escritos emerge, viva, a pessoa de Jesus, centro da vida e razão de ser da missão”.

Estas palavras de São João Paulo II (Homilia da beatificação de Paulo Manna, 4 de novembro de 2001) reproduzem, sinteticamente, a fisionomia espiritual deste grande apóstolo da evangelização *ad gentes*, considerado, pelos estudiosos, precursor do Concílio Vaticano II.

Paulo António Manna nasceu em Avellino, a 16 de janeiro de 1872, sendo o quinto de seis filhos. Após os estudos elementares e técnicos, em Avellino e Nápoles, prosseguiu os seus estudos em Roma. Enquanto tirava o curso de Filosofia na Universidade Gregoriana, sentiu a chamada do Senhor para a vida missionária e entrou no seminário do Instituto para as Missões Estrangeiras em Milão, a fim de estudar teologia. Foi ordenado sacerdote a 19 de maio de 1894, na Catedral de Milão

1 Os pais do primeiro beato nativo da Birmânia (atual Myanmar), Isidoro Ngei Ko Lat, catequista, martirizado com o padre Mario Vergara, PIME, também foram evangelizados pelo Padre Manna. Ambos, tanto o missionário como o catequista, foram beatificados a 24 de maio de 2014, na catedral de Aversa (diocese homónima, provincial de Caserta).

Destinado pelos superiores à Birmânia (hoje Myanmar), partiu a 27 de setembro de 1895 para a missão de Toungoo. Embora condicionado por uma saúde precária, dedicou-se com incansável solicitude à evangelização¹ e à promoção humana dos carianos (em particular dos *ghekhù*, sobre os quais escreveria mais tarde uma apreciada monografia). Os esforços das viagens, as febres maláricas e uma tuberculose incipiente forçaram-no à repatriação definitiva, a 7 de julho de 1907.

Em Itália, o padre Paulo lançou-se de cabeça numa atividade intensa e diversificada de animação missionária, pondo a render os seus dotes de observador perspicaz da realidade eclesial a nível global, de conferencista, publicista e culto escritor. “Toda a Igreja para todo o mundo” viria a tornar-se o seu lema. “Alma de fogo”² transferiu para os seus livros a sua ardente visão de fé sobre os múltiplos e complexos problemas da missão ad gentes. Desenvolveu, nesse sentido, uma análise audaz e penetrante, com intuições muitas vezes consideradas ‘proféticas’ pelos especialistas.

Em 1909, foi nomeado diretor da revista *Le Missioni Cattoliche*, que recebeu novo impulso sob a sua orientação experiente e dinâmica. Publicou opúsculos e livros e escreveu artigos sobre os temas de cariz missionário que tomava mais a peito. Lançou várias iniciativas de cooperação missionária: adoções, bolsas de estudo, folhetos de orações pelas missões... Fundou novos periódicos, como *Propaganda Missionaria*, para as famílias, *Italia missionaria*, para os jovens, e, mais tarde, *Venga il Tuo Regno*, também para famílias, sobretudo do Sul.

Em 1915, o padre Manna deu os primeiros passos para a fundação da União Missionária do Clero (hoje UMP): “a pedra preciosa da sua vida”, como a definiria Pio XII. Um apoio decisivo para realizar esse seu projeto veio-lhe de Monsenhor Guido Maria Conforti, bispo de Parma, fundador dos Missionários Saverianos (canonizado em 2011). Os estatutos da União, apresentados ao Papa pelo próprio Conforti, foram aprovados a 31 de outubro de 1916. Na encíclica *Maximum Illud* (1919),

² Assim o definiu o padre Gian Battista Tragella (1885-1968), insigne missiologista, historiador do PIME, grande amigo e colaborador do padre Manna, bem como o seu primeiro biógrafo.

Bento XV exaltou a União Missionária do Clero, manifestando o seu desejo de que esta fosse “instituída em todas as dioceses do orbe católico”.

A ideia de base, plenamente partilhada por Monsenhor Conforti, era a necessidade de partir do clero para colocar em estado de missão todo o povo de Deus. O padre Manna estava convencido que “cada sacerdote é missionário, por natureza e por definição”, mas tem constantemente necessidade de reavivar a chama do zelo apostólico no seu próprio coração. “O missionário é, por excelência, o homem da fé: nasce da fé, vive da fé, por esta, de bom grado trabalha, padece e morre. [...] Sem a fé, o missionário não se compreende, não existe; e, se existe, não é o verdadeiro missionário de Jesus Cristo (Paulo Manna, *Virtù Apostolice - Lettere ai missionari*, EMI, Bologna, 1997, p. 89).

Em 1924 foi-lhe confiada uma nova responsabilidade, particularmente exigente: a de guiar, como Superior Geral, o Instituto das Missões Estrangeiras de Milão, que em 1926 passaria a ser Instituto Pontifício das Missões Estrangeiras (IPME), por vontade de Pio XI, que o uniu ao análogo Seminário missionário dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, de Roma. Nos seus dez anos de governo, a paixão missionária de Manna revelou-se sobretudo nas “conversas em família”: cartas-meditações dirigidas aos seus confrades e publicadas no boletim intitulado *Il Vincolo*, instrumento de animação, informação e ligação entre os membros do IPME espalhados pelo mundo. Reunidos mais tarde num volume intitulado *Virtù Apostolice*, esses escritos constituem um clássico da espiritualidade missionária.

Estava profundamente convencido do papel fundamental da oração na vida do missionário. «Sede homens de vida interior, homens de oração. [...] É importante saber pregar, mas é muito mais importante saber rezar. O missionário que domina bem a língua e que sabe pregar, mas que reza pouco, exporá na perfeição a verdade da nossa santa religião, mas deixará as almas frias. O missionário que tem muita intimidade com Deus na oração, mesmo que não seja feliz na sua exposição, terá sempre o dom de instilar o espírito de Jesus Cristo nas almas, que, aliás, é aquilo que a pregação deve conseguir, em primeiro lugar. O primeiro ensinará Jesus Cristo,

o outro torná-lo-á visível. Entendeis a diferença? “Se aquele que ensina não é homem de vida interior, a sua língua dirá coisas vazias” (São Gregório) (Paulo Manna, *Virtù Apostoliche - Lettere ai missionari*, EMI, Bologna, 1997, p. 100).

O pensamento do padre Manna tornou-se mais rico e mais preciso na sequência de uma longa viagem missionária ao Oriente, que durou cerca de dois anos (1927-1929). Da observação das inúmeras realidades ambientais, culturais e eclesiais, e dos encontros tidos com numerosas personalidades e com os missionários em campo, nasceu o *Pro-memoria Osservazioni sul metodo moderno di evangelizzazione*, umas noventa páginas com notas, comentários e propostas audazes e inovadoras. Esse escrito, enviado à *Propaganda Fide*, permanecerá inédito até 1977.

Em 1934, terminado o seu mandato como Superior Geral do Instituto, outra grande obra, por ele iniciada e preparada com cuidado, será levada a cabo, por ordem da Assembleia Geral do IPME, pelo seu sucessor à frente do Instituto, Monsenhor Lorenzo Maria Balconi: a fundação das Missionárias da Imaculada (Milão, 8 de dezembro de 1936). Esta nova Congregação feminina reconhece no padre Manna o “inspirador” do seu próprio carisma missionário.

De 1937 a 1941 o padre Manna foi secretário internacional da União Missionária do Clero. Estabeleceu uma rede de relações com núncios, bispos e sacerdotes de todo o mundo. Continuou a escrever cartas, livros e artigos. Particularmente sensível aos problemas levantados pela divisão entre os cristãos, tornou-se “profeta do ecumenismo”. Em 1941, publicou *I fratelli separati e noi*, com várias traduções no estrangeiro. Esta obra foi bem acolhida entre os cristãos não-católicos, tanto no Oriente como no Ocidente, embora as respetivas posições tenham permanecido distantes. Em 1950 escreveu *Le nostre Chiese e la propagazione del Vangelo*; as ideias contidas nesta obra serão retomadas por Pio XII, na encíclica *Fidei Donum*.

O padre Paulo Manna morreu em Nápoles, a 15 de setembro de 1952. Os seus restos mortais repousam em Ducenta. Foi beatificado por João Paulo II, a 4 de novembro de 2001.

COM MARIA: MISSIONÁRIOS TODO O DIA!

Peregrinação de encerramento do Ano Missionário e do mês extraordinário da Missão - 20 de outubro, Dia Mundial das Missões - Fátima

Na ida ao Santuário

(No autocarro, após termos começado a viagem, o animador convida os peregrinos à reflexão e à oração.)

Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: *Ámen*

Ambientação:

Caros peregrinos, hoje, como discípulos missionários, caminhamos com Maria, ao encontro de Jesus.

Demos graças a Deus pela nossa dignidade e pela nossa vocação cristã que São Pedro descreve assim: “Vós, porém, sois linhagem escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus para si, para proclamar as maravilhas daquele que das trevas vos chama para a sua luz admirável.” (1 P 2,9)

Cântico:

*Nós somos as pedras vivas,
Do Templo do Senhor. (bis)
Povo sacerdotal,
Igreja Santa de Deus,
Nós somos as pedras vivas
Do Templo do Senhor.*

Do Senhor é a terra e o que nela existe,
O mundo e quantos nele habitam,

Ele a fundou sobre os mares
E a consolidou sobre as ondas.

Quem poderá subir à montanha do Senhor?
Quem habitará no seu santuário?
O que tem as mãos inocentes e o coração puro,
Que não invocou o seu nome em vão nem jurou falso.

Este será abençoado pelo Senhor,
E recompensado por Deus, seu Salvador.
Esta é a geração dos que O procuram,
Que procuram a face do Deus de Jacob.

Peçamos ao Espírito Santo

1º Leitor: Espírito Santo, Dom do Pai no seu Filho Jesus Cristo, permanece em nós, abre os nossos corações e torna-nos atentos à tua voz.

Todos: **Espírito Santo, vem ao nosso coração.**

2º Leitor: Espírito Santo, Divino Amor, fonte de unidade e de santidade, mostra-nos o amor do Pai.

Todos: **Espírito Santo, vem ao nosso coração.**

3º Leitor: Espírito Santo, Fogo de Amor, purifica-nos fazendo desaparecer todas as divisões dos nossos corações, das nossas comunidades e do Mundo, para que sejamos verdadeiros discípulos de Jesus.

Todos: **Espírito Santo, vem ao nosso coração.**

4º Leitor: Pai, Filho e Espírito Santo, permaneçei em nós, ao longo da nossa peregrinação, e em toda a nossa vida, para nos transformarmos em comunhão de amor e de santidade. Vós que viveis e reinais, pelos séculos dos séculos.

Todos: **Ámen.**

Evangelho Lc 1,39-45):

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.

Momentos de reflexão:

1º Leitor: À imagem de Maria, todo o homem e mulher são uma missão, e esta é a razão pela qual se encontram a viver na Terra. (...) Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: “Eu sou uma missão nesta terra, e por isso estou neste mundo”, diz o papa Francisco.

2º Leitor: Ser missão, não é algo que se adquire por correspondência ou por email ou por sms... Nasce de um encontro pessoal com uma pessoa - Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós.

3º Leitor: O papa Francisco diz que é tarefa de cada um “levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, porque o anúncio do Evangelho, Jesus Cristo, é o anúncio essencial, o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, o mais necessário” (EG 127).

4º Leitor: Maria, ajuda-nos a sermos verdadeiros discípulos missionários, a entrar decididamente com todas as forças nos processos constantes de renovação missionária, pois, hoje, cada terra e cada dimensão humana são terra de missão à espera do anúncio do Evangelho.

Preces:

Dirijamos a nossa oração a Deus Pai, por intercessão de Maria, para que no nosso caminhar de fé sintamos a sua companhia materna e a fortaleza do Pai.

Todos: Vem connosco a caminhar, Santa Maria vem...

- *Santa Maria, peregrina da fé, ajuda-nos a superar os momentos de crise, no mundo em que a fé pode chegar a perder o verdadeiro sentido. Oremos.*

- *Santa Maria da fidelidade, ajuda-nos a sermos fiéis ao nosso Batismo, e sintamos que recebemos a força do Espírito, que faz de nós, sacerdotes, profetas e reis. Oremos.*

- *Santa Maria da procura, ajuda os nossos jovens a descobrirem o que o teu filho quer deles para que se sintam felizes cumprindo a sua vontade. Oremos.*

- *Santa Maria do "SIM", ajuda todos os pais, famílias, catequistas, professores, para que continuem a ser generosos no seu trabalho de educação e, sem desânimo, continuem a orientar, a ajudar, a fazer crescer todos na fé. Oremos.*

- *Santa Maria da firmeza, ajuda todos os homens e mulheres, crianças e jovens, velhinhos que se encontram doentes, para que, no teu colo de Mãe, sintam que não estão sozinhos, Oremos.*

- *Santa Maria nossa Mãe, que sempre te levemos no coração, diante das dificuldades, que olhemos para ti e nos inundes de esperança, diante das adversidades. Oremos.*

(Se for oportuno pode rezar-se o terço)

Conclusão:

Oração missionária

*Pai Nosso,
o Teu Filho Unigénito Jesus Cristo,
ressuscitado de entre os mortos,
confiou aos seus discípulos:
“Ide e fazei discípulos todos os povos”.
Recorda-nos que, pelo Batismo,
tornamo-nos participantes
da missão da Igreja.
Pelos dons do Espírito Santo,
concede-nos a Graça, de sermos
testemunhas do Evangelho,
corajosos e vigilantes,
para que a missão confiada à Igreja,
ainda longe de estar realizada,
encontre novas e eficazes expressões,
que levem vida e luz ao mundo.
Ajuda-nos, Pai Santo,
a fazer com que todos os povos,
possam encontrar-se com o amor
e a misericórdia de Jesus Cristo,
Ele que é Deus convosco,
e vive e reina,
na unidade do Espírito Santo,
agora e para sempre.
Amen.*

Cântico:

*Vem, vem connosco, vem caminhar,
Nossa Senhora vem! (bis)*

*Ao longo da tua vida nunca sozinho estás,
contigo pelo caminho Nossa Senhora vai.*

*Se pelo mundo os homens sem conhecer-se vão,
não negues nunca a tua mão a quem contigo vai.*

Na vinda do santuário - Regresso a casa

(No autocarro, após termos começado a viagem de regresso, o animador convida a uma oração)

Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: **Ámen**

Vamos dar graças a Deus, com o Salmo 145, dizendo:

Todos: **Louvarei o teu nome para sempre**

Exaltarei a tua grandeza, ó meu rei e meu Deus;
hei de bendizer o teu nome para sempre.
Todos os dias te bendirei;
louvarei o teu nome para sempre.
O SENHOR é grande e digno de todo o louvor;
a sua grandeza é insondável.

Todos: **Louvarei o teu nome para sempre**

Cada geração contará à seguinte o louvor das tuas obras
e todos proclamam as tuas proezas.
Anunciarão o esplendor da tua majestade
e eu meditarei sobre as tuas maravilhas.
Eles contarão o poder das tuas obras
e eu proclamarei a tua grandeza.
Assim celebrarão a memória da tua imensa bondade
e glorificarão a tua justiça.

Todos: **Louvarei o teu nome para sempre**

O SENHOR é clemente e compassivo,
é paciente e misericordioso.
O SENHOR é bom para com todos;
a sua ternura repassa todas as suas obras.

Todos: **Louvarei o teu nome para sempre**

Louvem-te, SENHOR, todas as tuas criaturas;
todos os teus fiéis te bendigam.

Deem a conhecer a glória do teu reino
e anunciem os teus feitos poderosos,
para mostrar aos homens as tuas proezas
e o esplendor glorioso do teu reino.
O teu reino é um reino para toda a eternidade
e o teu domínio estende-se por todas as gerações.

Todos: Louvarei o teu nome para sempre

O SENHOR ergue todos os que caem
e reanima todos os abatidos.
Todos têm os olhos postos em ti,
e, a seu tempo, Tu lhes dás o alimento.
Abres com largueza a tua mão
e sacias os desejos de todos os viventes.

Todos: Louvarei o teu nome para sempre

O SENHOR é justo em todos os seus caminhos
e misericordioso em todas as suas obras.
O SENHOR está perto de todos os que o invocam,
dos que o invocam sinceramente.
Ele realiza os desejos dos que o temem,
escuta os seus gemidos e salva-os.
O SENHOR protege todos os que o amam,
mas extermina todos os ímpios.
Cante a minha boca os louvores do SENHOR,
e todo o ser vivo bendiga o seu santo nome para sempre!

Todos: Louvarei o teu nome para sempre

Cântico:

*Eu louvarei, eu louvarei
Eu louvarei, eu louvarei
Eu louvarei o meu Senhor (bis)*

Ao Pai que seu amor nos dá
vou cantar, vou cantar
Ao Espírito que habita em nós
vou cantar, vou cantar

Eu vou cantar com alegria
A Jesus Ressuscitado (bis)

E todo o mundo se salvará
E todo o mundo se salvará
E todo o mundo se salvará
Pois Jesus ressuscitou

1º Leitor: Do Evangelho, segundo São Mateus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.”

2º Leitor: Jesus envia-nos até “aos confins da terra”, até às periferias mais desoladas da humanidade: aquelas carentes de Cristo. É um apelo pessoal: “Nunca penses que não tens nada para dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um pense nisso no seu coração: muita gente precisa de mim.”

3º Leitor: É a nós que Cristo envia: ao mundo digital, às redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem fronteiras... Esta é a nossa missão. Ela requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta Terra.

4º Leitor: Senhor Jesus, nas mais variadas expressões de serviço e voluntariado missionário, nós queremos servir “os mais pequenos”, promovendo a dignidade humana e testemunhando a alegria de amar e ser cristão. Faz de cada um de nós esse discípulo missionário de que o mundo precisa. **Ámen.**

Maria, a primeira missionária ajuda-nos a ser discípulos missionários.

“Quem sou eu para que me visite a mãe do meu Senhor?”
(Lc 1,43)

1º Leitor: Virgem Maria, reconheço que fui visitado por ti de maneira discreta, como só tu sabes fazê-lo, e deixaste-me a

fragância do teu exemplo.

2º Leitor: Como a tua prima Isabel, também eu me admiro da tua delicadeza para comigo, porque bem conheces a minha debilidade. Talvez, seja essa, a causa da tua proximidade e da tua presença.

3º Leitor: Como Abraão Te digo: “Não passes longe do teu servo. Aceita a minha hospitalidade.” Sei que não mereço a tua visita, mas como a fizeste à tua prima Isabel, Virgem Maria, acode ligeira a todos os que se sentem sozinhos, sem forças e duvidam da tua alegre companhia.

4º Leitor: Senhora da Visitação, sai aos caminhos dos que andam sem esperança e canta-lhes o teu cântico: “O Senhor faz maravilhas, enaltece os humildes e enche de bens os necessitados.”

Rezamos juntos:

*Senhora da Anunciação,
que corres ligeira sobre os montes,
vela por nós, fica à nossa beira.
É bom ter a esperança como companheira.
Contigo rezamos ao senhor:
Dá-nos, Senhor, um coração sensível e fraterno,
capaz de escutar e de recomeçar.
Mantém-nos reunidos, Senhor,
à volta do pão e da palavra.
Ajuda-nos a discernir os rumos a seguir
nos caminhos sinuosos deste tempo,
por Ti semeado e por Ti redimido.
Ensina-nos a tornar a tua Igreja toda missionária,
e a fazer de cada paróquia,
que é a Igreja a residir no meio das casas dos teus filhos e filhas,
uma Casa grande, aberta e feliz, átrio de fraternidade,
de onde se possa sempre ver o céu,
e o céu nos possa sempre ver a nós.
Ámen. de onde se possa sempre ver o céu,
e o céu nos possa sempre ver a nós.
Ámen.*

Cântico:

*Nossa Senhora do Sim,
Maravilha: Virgem Mãe!
Cuida, Maria, de mim,
E que eu diga Sim também*

Chamou o Anjo de Deus:
Maria não tenhas medo,
Serás mãe do Filho Eterno,
Eis revelado o segredo!

Com ela a Igreja toda
Responda que sim a Deus:
E com Maria proclame
Nova terra e novos céus!

VIGÍLIA MISSIONÁRIA

Ambiente

No espaço destinado à vigília sugere-se que seja colocada uma tenda. Dentro, estarão cinco pessoas vestidas com as cores de cada continente e com uma vela apagada. As pessoas presentes na assembleia também têm uma vela, que será acesa oportunamente. Depois dos ritos iniciais e admoção, as pessoas que estão na tenda levarão a Luz a todos os presentes, como símbolo da “Boa Nova” que se expande a toda a terra.

Material

- Tenda
- Cinco velas para as pessoas da tenda
- Círio Pascal
- Velas para toda a assembleia
- Roupas das cores dos continentes
- Rosto de Cristo, espelho, taça e concha

Introdução

Por ocasião do centenário da Carta Apostólica *Maximum Illud*, de 30 de novembro de 1919, do Papa Bento XV, o Papa Francisco declarou este mês de outubro de 2019, mês missionário extraordinário. Neste sentido, somos chamados a viver a alegria de testemunhar o Evangelho nas realidades diversas que nos envolvem. O tema da nossa vigília, «BATIZADOS E ENVIADOS - A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO E NO MUNDO», convida-nos a entrar em comunhão íntima com Deus, na grande tenda que é a Igreja. Esta comunhão com Deus é o ponto de partida e a meta de toda a nossa missão.

1.RITOS INICIAIS

Procissão de entrada do celebrante

Cântico

*Nós somos as pedras vivas do templo do Senhor,
nós somos as pedras vivas do templo do Senhor,
povo sacerdotal, Igreja Santa de Deus!
Nós somos as pedras vivas do templo do Senhor.*

Do Senhor é a terra / e o que nela existe,
o mundo e quantos nele habitam.
Ele a fundou sobre os mares
e a consolidou sobre as ondas.

Presidente: Em nome do Pai...

2.MISSÃO DE CADA BATIZADO

Admoção: A Igreja nasce no dia de Pentecostes, vive a comunhão em Deus e com os homens, é impelida pelo Espírito Santo e enviada ao mundo para ser “Sacramento ou sinal de íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.” (LG 1) A Igreja tem a missão de Jesus: «*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano da graça do Senhor.*» (Lc 4, 18-19)

(Cinco pessoas estão dentro da tenda, cada uma caracterizada por um dos cinco continentes, e cada uma com uma vela. Ao iniciar o Cântico: Tu és fonte de vida, Tu és fogo, Tu és amor... (Taizé), as pessoas saem da tenda, acendem as suas velas no Círio Pascal e distribuem a luz pela assembleia.)

Cântico

*Tu és fonte de vida. Tu és fogo. Tu és amor.
Vem Espírito Santo. Vem Espírito Santo.*

1º Leitor:

A tenda é lugar de encontro e também se relaciona com a palavra tabernáculo e templo. Em todas as religiões o templo é um lugar sagrado onde a divindade se faz presente aos homens; a tenda surge como um lugar único e singular para um encontro de intimidade com Deus e com os homens.

Os hebreus, na época patriarcal, não conheciam o templo, porém tinham lugares sagrados onde invocavam o nome de Yahweh. Abraão escuta a voz do Senhor e põe-se a caminho. Deixa a sua terra, e caminha ao encontro da promessa de Deus, para uma terra nova que Deus lhe promete. (cf. Gen 12,1)

Com esta ideia de “pôr-se a caminho” o Missionário parte, partilha, sai e anuncia a Boa Nova por todas as cidades e aldeias até aos confins do mundo.

2º Leitor:

O Senhor disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.» Abrão partiu, como o Senhor lhe dissera, levando consigo Lot. (Gn12,1-4)

Momento de reflexão pessoal *(música de fundo)*

Entra na tua tenda interior e deixa-te encontrar pelo Deus de Amor.

- *O que é que o texto diz?*
- *Que me diz o Senhor, neste texto?*
- *Qual a minha resposta ao Senhor?*

Cânticos:

*Faz-te ao largo, faz-te ao mar,
O mestre continua a chamar
Teu barco na praia não pode ficar.
Faz-te ao largo, faz-te ao mar
Teu barco na praia não pode ficar
Faz-te ao largo, faz-te ao mar*

Eu queria ser daqueles que se dão,
Partir como Tiago ou João
Mas quando olho o mar e o que tenho de deixar,
Falta-me a fé de Abraão, falta-me a fé de Abraão.

Evangelho

Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos. (Mt 28, 18-20)

Homilia

Também seria bom incluir um testemunho missionário: pode ser da missão *ad intra* ou da missão *ad extra*.

Preces:

Peçamos a Deus Pai que nos enviou o seu Filho como Missionário na terra, para que fortaleça o nosso coração, para que possamos ser seus discípulos missionários. Oremos dizendo: *Aceitai, Senhor, a nossa oração.*

1 - Rezemos pelo Santo Padre, o Papa Francisco, que o Espírito Santo o ilumine e em Jesus encontre a força necessária para reconstruir a Igreja de Cristo. *Oremos!*

2 - Por todas as famílias, para que iluminadas pela luz de Jesus, sejam testemunho de fé e de esperança para o mundo constantemente ameaçado pela má gestão do homem. *Oremos!*

3 - Pelos refugiados que vivem errantes e desenraizados da sua cultura e costumes, para que encontrem o espaço de acolhimento e de paz, onde possam desenvolver a possibilidade de fazer um mundo mais humano. *Oremos!*

4 - Pelos jovens que andam em busca do seu destino e vocação, para que encontrem na oração e no encontro pessoal com Cristo, o caminho certo para a realização dos seus sonhos e

projetos, segundo a vontade de Deus. *Oremos!*

5 - Por todas as famílias que sofrem de violência a todos os níveis, para encontrem em Cristo Senhor da Paz, um refúgio seguro. *Oremos!*

6 - Pelos missionários e missionárias que responderam ao apelo da missão, para que possam testemunhar em todos os ambientes e situações a alegria do Evangelho. *Oremos!*

7 - Por todos os que lutam pela preservação do planeta, e para que cada um de nós se sinta guardião e cuidador desta grande tenda que é a Terra onde habitamos. *Oremos!*

Presidente: Senhor Nosso Deus, que conheceis a tenda que nós somos, melhor do que nós mesmos, fazei-nos entrar nela a fim de nos redescobrirmos em Ti. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. *Ámen*

3. ENVIADOS EM MISSÃO

Junto à porta da tenda está o rosto de Cristo com um espelho integrado. Em frente deste, está uma taça com água, onde as pessoas irão passar e colocar a mão, e ao olharem para Jesus veem o seu rosto em Cristo como sinal de batizados e prontos a anunciar a Boa Nova.

Enquanto as pessoas se movimentam em direção à tenda, cantamos:

Cântico: Ide por todo o mundo (M. Luís)

Ide por todo o mundo, anunciai a Boa Nova.

Ide por todo o mundo, anunciai a Boa Nova.

1. Louvai o Senhor, todas as gentes, / aclamai-O todos os povos.

2. O seu amor por nós é firme, / eterna a sua fidelidade.

No fim são convidados a rezar o **Pai Nosso, de mãos dadas.**

Bênção final do Presidente

Cântico final

*Ide e ensinai, ide e ensinai
Ide e ensinai a toda a gente:
O Senhor é família,
Somos comunidade, alegria, irmãos.*

Deixei na praia a brincar na areia
Sonhos de infância, indecisões.
Tu me chamaste, Senhor, disse sim:
Manhã de esperança levo dentro de mim.

Tu me ensinaste a ser pequenino,
A ser amigo, irmão de todos.
Ouço em silêncio o Teu chamamento,
O sol vai alto, hoje é dia de ceifa.

Partilhar com Alegria

Introdução à Celebração

Hoje celebramos o dia mundial das Missões. Façamo-lo em comunhão com toda a Igreja, na Escuta da Palavra do Senhor e num renovado compromisso de fidelidade como discípulos missionários.

Lembremos quantos, em todo o mundo, anunciam e vivem a Boa Nova, de forma especial os que sofrem perseguição, para que sejam confirmados na fé, na esperança e no amor.

Renovemos, todos nós batizados, o nosso compromisso missionário, como Igreja de Cristo em missão no mundo, celebrando em festa a nossa fé.

Ato penitencial

Senhor, porque nem sempre demos testemunho da nossa fé
Senhor tende piedade de nós / Kyrie eléíson

Cristo anunciamos pouco a Vossa mensagem
Cristo tende piedade de nós / Christe eléíson.

Senhor há povos que não vos conhecem
Senhor tende piedade de nós / Kyrie eléíson.

Introdução à Palavra de Deus

A Palavra que o Senhor hoje nos apresenta é um forte convite à oração. A eficácia da oração contínua, da súplica constante, da busca insistente do amor pela verdade e pela justiça, forja o

discípulo para a missão. Só quem reza com insistência coloca Cristo no centro da sua vida e da missão que lhe é confiada, crescendo na fé. Só quem reza com insistência se torna atento e capaz de escutar e aceitar os projetos de Deus, de apreender e de descobrir as necessidades e os pedidos de redenção material e espiritual, tão presentes no coração da Humanidade atual. Escutemos!

Oração Universal

(A acrescentar à oração do dia, de acordo com as circunstâncias da comunidade)

- Pelos missionários desta comunidade, em missão noutros países e pelos povos com quem partilham a fé, oremos.
- Pelos missionários que deixaram as suas terras e se encontram em missão no nosso país, oremos.
- Por todos nós batizados, para que sejamos fiéis à nossa vocação de discípulos missionários, oremos.

Compromisso

(antes da benção final)

Jesus Cristo

confiaste aos teus discípulos:

<<ide e fazei discípulos todos os povos.>>

Recordas-nos que através do batismo

nos tornamos participantes da missão da Igreja.

Concede-nos a Graça

de ser , como desejamos,

testemunhas do Evangelho,

corajosos e vigilantes,

para que a missão confiada à Igreja,

possa encontrar novas e eficazes expressões

que levem vida e luz ao mundo.

Jesus toma as nossas vidas!

Ajuda-nos a fazer com que todos os povos

se encontrem com o Teu amor.

MISTÉRIOS GOZOSOS

(Segundas e Sábados)

Rezar o terço, recordando o valor bíblico e histórico desta oração maravilhosa, é chamar a nossa atenção para que nas famílias, nas comunidades e nos grupos se difunda a prática da oração do Rosário. Quando somos enviados em missão sabemos que fazemos parte integrante de uma missão divina, e que Deus precisa de nós para realizar o bem, a misericórdia, a compaixão para com os mais frágeis e desprotegidos.

1º Mistério:

A Anunciação do Anjo a Nossa Senhora

Quando o Arcanjo Gabriel anunciou a Maria que ela fora escolhida dentre todas as mulheres para ser a mãe do Messias, ela respondeu com humildade: *“Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”*. Para Maria bastou um simples convite de Deus. Também a nossa vida está cheia de convites de Deus: um mendigo é um convite à esmola; uma doença é um convite à paciência; a indiferença ao nosso próximo é um convite ao apostolado. Tudo na nossa vida, será sempre um convite de Deus à nossa perfeição.

2º Mistério:

Visitação de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel

Depois que soube pelo Arcanjo Gabriel que sua prima Isabel daria à luz um filho, Maria partiu para a região montanhosa da Judeia a fim de felicitá-la e oferecer os seus préstimos. *“E aconteceu que quando Isabel ouviu a saudação de Maria, saltou o filho em seu ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.”* A Santíssima Virgem não fez objeções para empreender

tão penosa e perigosa viagem a fim de auxiliar a sua prima idosa, dando-nos assim o exemplo para que visitemos os velhos e desamparados que sofrem entre pessoas, muitas vezes, egoístas e ingratas.

3º Mistério: O Nascimento de Jesus

Jesus nasceu na gruta de Belém, onde a Santíssima Virgem teve que pernoitar com José, “*pois não havia lugar para eles na estalagem*”. Esta circunstância bem pode simbolizar a atitude do mundo e dos corações de tantos cristãos, onde há outros hóspedes que não deixam lugar para Jesus. Os belos quadros do nascimento de Jesus são, regra geral, muito poéticos, mas aquela noite era realmente muito fria e a pobreza do lugar era significativa. Quis Jesus dar-nos o exemplo de pobreza evangélica, demonstrando-nos a futilidade de todo o empenho pelos bens e honrarias mundanas.

4º Mistério: Apresentação do Menino Jesus no Templo e a Purificação de Nossa Senhora

“*E eis que havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava com ele.*” Cumpridas as cerimónias de purificação prescritas na Lei de Moisés, aproximou-se Simeão, tomou o Menino Jesus nos braços e proclamou Sua glória, enquanto anunciava à Virgem Maria que uma espada trespassaria sua alma. Da mesma forma como Jesus foi oferecido ao Pai do céu, no Templo, assim no Batismo se oferece o cristão a Deus.

**5º Mistério:
A perda e o encontro do Menino Jesus no Templo**

Quando, aos doze anos, Jesus acompanhou seus pais para tomar parte na festa da Páscoa judaica, em Jerusalém, ele deixou-se ficar na Cidade Santa. Tendo iniciado a jornada de regresso, Maria e José verificaram que Jesus não estava na caravana e apressaram-se a procurá-lo. *“E, ao cabo de três dias o encontraram no Templo, sentado entre os doutores, escutando-os e interrogando-os; e todos os que o ouviam se admiravam da sua inteligência e da sua sabedoria.”* Com isso, quis o Senhor ensinar-nos a preferência que devemos dar à Casa de Deus, pois é aí que O encontraremos sempre.



MISTÉRIOS DOLOROSOS

(Terças e Sextas)

“Também hoje, o mundo tem necessidade de ver nos discípulos do Senhor profetas, ou seja, pessoas corajosas e perseverantes em responder à vocação cristã. Pessoas que recebem o Espírito Santo e são enviadas a anunciar a salvação aos pobres e excluídos; pessoas dedicadas ao serviço, sem privilégios nem exclusões. Pessoas que acolhem a vontade do Pai e se comprometem, a testemunhá-la, fielmente, aos outros.” (Papa Francisco)

1º Mistério:

A Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras

Jesus levou consigo Pedro, João e Tiago e começou a ficar triste e angustiado. Disse-lhes: «*A Minha alma está numa tristeza de morte. Ficai aqui e vigiai comigo*». Depois, rezou num abandono confiante e filial. «*Pai, se é possível...mas não se faça a minha vontade mas a Tua*». E continua orando e sofrendo. Os discípulos dormem...

A agonia de Jesus deve levar-nos a não adormecer como os discípulos. Neste mistério oremos pela Igreja de Cristo, para que se mantenha missionária e vigilante para socorrer e acompanhar os mais fragilizados.

2º Mistério:

A Flagelação de Jesus

Jesus sofre e reza em silêncio por todos nós. Um sofrimento de libertação...

A paixão de Cristo continua hoje nos que sofrem com fome, com os horrores da guerra, nas cadeias, nas mortes injustas e criminosas, na intolerância, nas perseguições por

causa da sua fé.

Rezemos, com o auxílio de Nossa Senhora, para que todos os batizados saibam acompanhar a missão da Igreja de ser mãe que acolhe e conforta.

3^o Mistério ***A coroação de espinhos***

Jesus, em silêncio, sofre os vexames, as palavras insolentes. Não se queixa, não se revolta, não foge à dor. Assumi os nossos dramas, enriqueceu-os de sentido e transformou-os numa inesperada possibilidade de vida, de graça, de comunhão com Deus.

Como cristãos, aceitemos a coroa de espinhos, não só com palavras mas com a vida, testemunhando o nosso amor à humanidade.

Rezemos este mistério pedindo ajuda à Virgem Maria para que todos os cristãos tenham como missão eclesial sublimar toda a sua vida, para que possam ser testemunho para todos aqueles que consigo privam.

4^o Mistério ***Jesus a caminho do calvário levando a Cruz***

Que o doloroso caminho de Jesus seja para nós uma preciosa chamada a reconhecer o valor do nosso sofrimento diário. Não tenhamos a tentação de fugir da nossa cruz.

Que ela seja um estímulo para fazer do sofrimento uma missão, um dom Àquele que nos amou, com a certeza de que assim se estabelece uma nova cultura do amor e se colabora na ação divina da salvação.

Maria, que juntamente com as mulheres seguiu Jesus na via da cruz, seja nosso modelo nesta nossa doação. Peçamos-lhe que nos ensine a ter o coração desperto e atento às necessidades dos outros, permanecendo junto da cruz do irmão que sofre, compreendendo e fazendo compreender o

valor do nosso sofrimento oferecido ao Pai.

5^o Mistério
Crucificação e morte de Jesus

Contemplemos neste mistério a oração de Jesus: «*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*». É excelente modelo de todo o martírio. É a mais sublime escola de amor. Na dor, Jesus perdoa a quem O faz sofrer.

Jesus, derrama o seu sangue por toda a humanidade e continua a pedir perdão aos pecadores, a todos aqueles que receberam e recebem, mas depois rejeitam, a luz do Evangelho.

Que Maria nos ajude nesta missão de fazer da nossa vida, da nossa história concreta, mediante a oração, a disponibilidade e a coerência, pela prática do perdão. Sejamos exemplo de doação amorosa e esperança, para todos aqueles que vivem nas periferias da vida, a fim de que o Sangue de Cristo, derramado por todos os homens, seja fruto de conversão e salvação.

MISTÉRIOS DA LUZ

(Quintas)

«Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo». O envio para a missão é uma chamada inserida no batismo e está presente em todos os batizados. A nossa vida é, em Cristo, uma missão! Nós mesmos, somos missão porque *somos* amor de Deus comunicado, somos santidade de Deus criada à sua imagem. A dimensão missionária do nosso Batismo traduz-se assim num testemunho de santidade que doa vida e beleza ao mundo.

Papa Francisco

1º mistério

O Batismo de Jesus no rio Jordão

«Então, veio Jesus da Galileia ao Jordão ter com João para ser batizado por ele.» (Mt 3,13)

O batismo é dom de Deus. Ser batizado significa “ser chamado a difundir a luz da esperança de Deus neste mundo sem esperança”, em todas as situações da nossa vida. Quantas vezes, essa “marca” se torna invisível porque não queremos ser portas da esperança e do compromisso com Deus. Que o nosso batismo nos ajude a ser sal da terra e luz do mundo.

2º mistério:

A revelação de Jesus nas Bodas de Caná

Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia para a qual Maria, Jesus e os seus discípulos foram convidados. Quando faltou o vinho, Maria disse-Lhe: «Não têm vinho!» Ele respondeu: «Mulher, que tem isso a ver comigo? Ainda não chegou a minha hora.» Maria disse aos

serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» (Jo 2,1-5)

Maria, induz o Filho a começar a sua missão de salvação. Tantas vezes questionamos os chamamentos do Senhor. Aprendamos, com Maria, a ser servos da vida. Como ela, sejamos sensíveis ao sofrimento dos casais e Conselheiros Espirituais das ENS e que as suas angústias e pedidos encontrem eco nos nossos corações.

3^o mistério ***O anúncio do reino de Deus***

«Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino.» (Mt 4,23)

Nós somos convidados a tomar parte nessa renovação de forma ativa. O Reino é para todos. Este Reino opõe-se à nossa cultura egoísta. A nossa missão é anunciar a palavra de Deus ao mundo. Isso compromete-nos e desafia-nos a não vivermos para nós mesmos mas a sermos semeadores de vida. Tenhamos a ousadia de ser missionários comprometidos.

4^o mistério ***A Transfiguração de Jesus no Monte Tabor***

«Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-o.» (Mt 17,5) Enquanto batizados somos enviados em Missão pelo Mundo. Somos chamados a ser exemplo, transfigurando-nos, para sermos capazes de estar sempre próximos e atentos às necessidades dos que mais sofrem. Somos confrontados com catástrofes naturais, como as que aconteceram em Moçambique, ou com governantes sem escrúpulos, como na Venezuela, onde os mais atingidos pelo sofrimento são sempre os mais desfavorecidos. Nos mais necessitados, devemos descobrir Cristo e contribuir para atenuar o seu sofrimento, através da nossa oração. Com Maria, que o esplendor do Senhor nos ilumine, reforçando a nossa Fé.



5^o mistério A instituição da Eucaristia

Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.» (Lc 22,19-20)

A eucaristia é “fonte e centro de toda a vida cristã (LG 11). É simultaneamente Sacrifício e Festa e constitui a Igreja. Na celebração da eucaristia celebramos toda a nossa existência cristã. Maria, ensina-nos a descobrir a extraordinária presença de Deus na Eucaristia, sob os sinais do Pão e do Vinho, para nos tornarmos responsáveis e disponíveis no serviço para os outros.



FOTO: Lúcia Pedrosa

MISTÉRIOS GLORIOSOS

(Quartas e Domingos)

A Virgem Maria vive intensamente todos os momentos da vida de Jesus: os que a fazem sofrer e os que a alegram. Toda a vida da Virgem Mãe é vivida através da sua disponibilidade e entrega, «*Eis a escrava do Senhor*», este possível momento de dor oferece-lhe o outro lado da moeda, «*Ressuscitou, não está aqui*», palavras dirigidas a Maria de Madalena, na manhã de Páscoa. Maria, mais do que ouvir estas palavras, experimenta-as. Deus não reserva para a Mãe do Redentor palavras de dor e sofrimento. A morte temporária dá lugar à ressurreição eterna.

1º Mistério:

A Ressurreição de Jesus

“Não está aqui: ressuscitou como disse. Vinde e vede o lugar em que ele repousou. Ide depressa e dizei aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos. Ele vos precede na Galileia. Lá o haveis de rever, eu vo-lo disse.” (Mt 28, 6-7)

A ressurreição de Jesus, enche todo o mundo de alegria. Sem dúvida, que a ressurreição de Cristo é definida como a vitória da luz sobre as trevas e a conquista da vida sobre a morte, em que, dissipada a noite da morte, toda a terra exulta de alegria. A Igreja rejubila ao ver de novo o seu Senhor, a eternidade toca na temporalidade. Jesus, ao ressuscitar, Deus Pai «encheu Maria de alegria inefável».

2º Mistério

A Ascensão de Jesus ao Céu

“Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao Céu. E eles depois de se terem prostrado diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria.” (Lc 24, 51-52)

Na passagem da Ascensão, todos os cristãos, e não apenas os

que presenciaram esse acontecimento, foram enviados pelo Senhor, a pregar o Evangelho a toda a criatura.

3º Mistério **A descida do Espírito Santo**

“Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poitou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem.” (Act 2, 1-4)

O Espírito Santo é a fonte de onde brota a vida da comunidade cristã. É ele que concede os Dons, que enriquecem a comunidade e fortalecem a unidade de todos os seus membros. É o Espírito de Deus que permite que se passe da Babel ao Pentecostes, ainda que extraordinária, não foi a única nem limitada àquele momento, mas foi um acontecimento que se renovou e continua a renovar-se.

4º Mistério **A Assunção de Nossa Senhora ao Céu**

Maria disse, então: *“A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador...” (Lc 1, 46-47)*

Maria, escolhida para uma missão especial, preservada do pecado original, é a “arca da nova aliança”, pois, no seu ventre, guardou Cristo, nosso Deus. Por isso foi levada ao lugar que Deus lhe tinha preparado. Quem está com Ele, já ressuscitou. Assim, a Virgem da Assunção torna-se anúncio e meta final da redenção: a glorificação da humanidade em Cristo.

5º Mistério **A coroação de Nossa Senhora, como rainha do Céu e da Terra**

“Depois, apareceu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.” (Ap12,1)

Nossa Senhora, tendo sido proclamada como Rainha do Universo suplica e intercede pela humanidade. Como nossa Mãe

ensina-nos a ser humildes e a ter esperança, de que, embora sendo pecadores nos podemos transformar em santos. Fazei com que as famílias sigam o teu exemplo sendo formadoras e educadoras de seus filhos no amor, na oração e na alegria.

(Meditações da exortação apostólica do Papa Francisco, Alegrai-vos e Exultai, sobre o chamamento à santidade no mundo atual)

Introdução

Todos os batizados são chamados a dar continuidade à missão evangelizadora de Cristo. Esta é uma missão que é confiada a todos os membros da Igreja, para ser realizada por todos, segundo a especificidade da vocação de cada um.

I JESUS É CONDENADO À MORTE

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Pilatos trouxe Jesus para fora. Então, entregou-o para ser crucificado.» (Jo 19,13-16)

Meditação: A cobardia de Pilatos leva-o a negar a sua missão de juiz. Muitas vezes, criticamos a sua atitude, mas não estaremos, também nós, a ser cúmplices da injustiça que grita no mundo em que vivemos? Não negaremos, também nós, a missão que nos é confiada desde o batismo?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo e torna-nos embaixadores da Tua justiça.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

II JESUS LEVA A SUA CRUZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira.» (Jo 19,17)

Meditação: Jesus aceita a Sua missão e, tomando a Sua cruz, percorre um caminho de escárnio até ao lugar onde é executado. E nós? Podemos afirmar-nos seguidores de Cristo se esmorecemos face ao sofrimento de tantos que são condenados injustamente à fome, à miséria e ao abandono?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo e torna-nos embaixadores da Tua justiça.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

III JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo.» (Fl 2,6-7)

Meditação: O sofrimento derruba Jesus e fá-Lo cair. Porém, é o amor que O faz levantar e continuar a Sua missão. Também nós caímos muitas vezes face às adversidades que encontramos. Mas, vivemos nós a nosso batismo com um amor similar ao de Jesus? Ousamos nós levantar-nos e continuar a missão, apesar das circunstâncias difíceis que nos rodeiam?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo e torna-nos embaixadores da Tua missão e do Teu amor.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

IV JESUS ENCONTRA A SUA MÃE

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Simeão abençoou-os e disse a Maria: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma.» (Lc 2,34-35)

Meditação: Jesus vive o sofrimento de ser injustamente condenado à morte, sofre os maus tratos, o peso da cruz e ainda se vê a braços com a dor da Sua mãe! Porém, Jesus não sucumbe ao sofrimento, continua o Seu caminho para que, numa atitude plena de Amor, toda a humanidade se salve. Quando olhamos para Jesus, somos convidados a pensar sobre aquilo que nos detém e impede de dar cumprimento à missão que nos é confiada. Será o Amor de Deus em nós, maior que o sofrimento que nos habita?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo e torna-nos embaixadores da Tua missão e do Teu amor.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória.

V SIMÃO DE CIRENE AJUDA JESUS A LEVAR A CRUZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus.» (Lc 23,26)

Meditação: Tantos são os condenados que se cruzam conosco... E nós, que fazemos? Podemos afirmar-nos verdadeiramente cristãos se, face à dor que nos rodeia, permanecemos indiferentes?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, liberta-nos da escravidão da indiferença e torna-nos embaixadores



FOTO: Lúcia Pedrosa

da Tua vontade.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

VI VERÓNICA ENXUGA O ROSTO DE JESUS

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus
R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Vimo-lo sem aspeto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores.» (Is 53, 2b-3a)

Meditação: Verónica vence os obstáculos e ousa ter um gesto de amor, apesar de, à sua volta, só existirem palavras de ódio e desprezo. E nós? A nossa vida cristã assume-se como resposta de amor ao amor de Deus ou mantém-se sob a alçada da cobardia ou do puro ritualismo desprovido de verdadeiro sentido cristão?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, liberta-nos da escravidão da indiferença e torna-nos embaixadores da Tua vontade.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

VII JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus
R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

«Não te afastes de mim, porque estou atribulado e não há quem me ajude.» (Sl 22,12)

Meditação: O peso da cruz faz Jesus cair pela segunda vez. Porém, Jesus levanta-Se e continua a Sua missão: ser vida para a humanidade. E nós? Como reagimos face à ingratidão, ao desprezo e à dor?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e torna-nos embaixadores da Tua esperança salvífica.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

VIII JESUS ENCONTRA AS MULHERES DE JERUSALÉM

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos.» (Lc 23, 27-28)

Meditação: Na hora do Seu sofrimento, Jesus vem ao encontro dos que O olham com bondade. Aquelas mulheres choram a sorte de Jesus, mas Ele, não esmorecendo, dá-lhes esperança para não desanimarem. Que fazemos nós perante o sofrimento dos nossos irmãos? Procuramos mostrar-nos solícitos e partilhar a nossa esperança ou procuramos mostrar-nos mais miseráveis tentando, desde modo, isentar-nos de qualquer responsabilidade perante o outro?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e torna-nos embaixadores da Tua esperança salvífica.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

IX JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. (2Cor 5,15)

Meditação: O sofrimento parece derrubar Jesus de modo incessante. Contudo, Jesus não sucumbe à dor. Levanta-Se e segue o caminho da Sua Missão. Que fazemos nós quando nos sentimos vencidos pelo sofrimento? Será o amor à Missão que Deus nos confia maior que todo o desespero que nos faz cair?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e torna-

nos embaixadores da Tua Missão.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

X JESUS É DESPOJADO DAS SUAS VESTES

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus
R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Os soldados pegaram na roupa de Jesus e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, exceto a túnica. Assim se cumpriu a Escritura, que diz: “Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes.” E foi isto o que fizeram os soldados.» (Jo 19, 23-24)

Meditação: Tudo é retirado a Jesus. Tudo Lhe é negado. Para Ele não há justiça nem a possibilidade de manter consigo o mínimo que Lhe assegure a dignidade, aos olhos de todos. Ainda assim, ninguém consegue retirar-Lhe a fé e a fidelidade à missão. E nós? Que fidelidade temos à Missão que recebemos pela água do batismo?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e torna-nos embaixadores da Tua Missão.
Pai Nosso, Avé Maria, Glória

XI JESUS É PREGADO NA CRUZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus
R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» (Lc 23, 33-34a)

Meditação: O Senhor da Vida foi crucificado. Não foram outros a fazê-lo, mas cada um de nós, com a nossa indiferença e a nossa infidelidade ao batismo...Que aprendemos com este Crucificado que reclama o perdão para todos? Onde está a

nossa capacidade de perdoar?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e tornamos embaixadores do Teu Perdão.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

XII JESUS MORRE NA CRUZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Por volta do meio dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou. (Lc 23,44-46)

Contemplemos, em silêncio, o Amor que salva. O Amor que se dá até ao fim.

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e tornamos embaixadores do Teu Amor.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

XIII JESUS É DESCIDO DA CRUZ

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo. (Jo 19, 38)

Meditação: O corpo sem vida, descido da cruz, agride o mais íntimo de cada um de nós. Nele se encerra o mistério da morte e da Esperança última do triunfo da vida. Como vivemos esse mistério? Como resplandece, na nossa vida, o ardor da vida e da esperança que brotam das águas do batismo?

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e tornamos embaixadores da Tua Vida.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória

XIV **JESUS É COLOCADO NO SEPULCRO**

V- Nós Vos adoramos e bendizemos, ó Jesus

R- Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo

Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho. (Jo 19,40)

Meditação: Jesus é sepultado. Porém, a Sua sepultura converte-se, não em lugar de morte, mas em útero fecundo de uma vida plena para toda a humanidade. Jesus é sepultado... Com Ele, pelo batismo, nós também o somos, não para sofrermos a condenação da morte, mas para, com Ele, sermos participantes de uma vida eterna.

Oremos: Senhor, renova em nós a força do batismo, e tornamos embaixadores da Tua Ressurreição.

Pai Nosso, Avé Maria, Glória



FOTO: Lúcia Pedrosa

Outubro em Oração

1 - Terça: Dia Internacional das pessoas idosas; Santa Teresinha do Menino Jesus

Senhor, neste início do mês missionário, em memória da padroeira da Missão, pedimos a tua luz e força para todos e, em particular, para os missionários idosos para que sintam a ternura do Pai, pela intercessão de Santa Teresinha.

2 - Quarta: Dia Internacional da não-violência; Santos Anjos da Guarda

Protege-nos, Senhor, com o Anjo da Guarda. Protegei, em particular, os que sofrem de violência, de modo que cada pessoa sinta a alegria de ser imagem do Pai.

3 - Quinta: Dia internacional do caminhar à escola; São Dionísio Areopagita

Senhor, o Teu Reino está perto de todos, entre nós e dentro de cada pessoa. Concede-nos a graça de respeitarmos a dignidade de todos, em particular dos mais pequenos e frágeis, desde a casa à escola, inclusive as organizações sociais, políticas e religiosas.

4 - Sexta: São Francisco de Assis

Toda a criação, Senhor, está repleta da tua presença e da tua ternura. Por intercessão de S. Francisco de Assis, concede a cada pessoa a dádiva da comunhão com os outros e a experiência permanente do teu amor.

5 - Sábado: Dia Mundial dos Professores; Santa Faustina

Senhor, pela grandeza da vida e vocação de Santa Faustina, dá-nos um coração aberto a todos, à imagem de Cristo, fazendo sentir, a cada batizado que ele é uma missão na terra.

6 - Domingo: 27^o do Tempo Comum - S. Bruno

Lc 17,5-10

Fé, perdão e serviço

Falando aos discípulos, Jesus tinha dito que é preciso perdoar sempre, mesmo sete vezes ao dia. São os Apóstolos que reagem: viver sempre o perdão, já é uma luta bem difícil, mas anunciá-lo de maneira convincente, como é missão dos apóstolos (Lc 24,47) tem ar de missão impossível. Será preciso uma fé imensa! Eles pedem: aumenta a nossa fé!

Jesus diz: basta um pouquinho! Mas que seja fé: viver da presença de Jesus que a cada momento nos dá o seu Espírito que nos ilumina e dá força. Então não haverá pecado que não se possa perdoar, nem mal que não se possa arrancar, mesmo que seja velho e enraizado como um sicômoro. O perdão vivido e anunciado é o coração da missão que Jesus confia aos seus apóstolos. (Jo 20,22-23)

É essa mesma fé que nos faz encontrar a alegria no serviço. Quem deixa de servir torna-se inútil. Saber que vivemos para servir o 'Senhor da casa' (Deus!) é a melhor recompensa que podemos desejar.

Senhor, aumenta em nós a fé, para que na renovação do chamamento à missão, demos testemunho do teu amor sem medida por cada pessoa que se cruza conosco, no caminho da vida.

7 - Segunda: Nossa Senhora do Rosário

A tua e nossa Mãe, a Senhora do Rosário, venha em nosso auxílio, Senhor, para que a ternura e o carinho do Pai cheguem, através da missão dos batizados, ao coração de toda a humanidade.

8 - Terça: São João Calábria e Santa Pelágia Penitente

Levanta-nos, Senhor, do nosso comodismo e faz-nos sentir enviados e próximos de todos os que esperam acolher a Boa Nova da salvação, Jesus Cristo, Nosso Senhor.

9 - Quarta: Dia Mundial dos correios; São Dionísio de Paris

Obrigado Jesus por nos teres ensinado a única e mais importante oração. Ao repetirmos o “Pai Nosso”, onde a fraternidade humana é proclamada, ajuda-nos a cuidar dos irmãos e irmãs de todo o mundo.

10 - Quinta: Dia Mundial da saúde mental; São Daniel Comboni

“É tempo perdido servir a Deus”, dizia Israel. São Daniel Comboni sentiu que gastar a vida “pelos mais infelizes da terra” é tornar-se amigo de Deus e dos irmãos. Concede, hoje, Senhor, a todos nós, esta graça missionária.

11 - Sexta: São João XXIII

Senhor, São João XXIII abriu as portas da Igreja ao mundo. Chegou o tempo dos cristãos, “enlameados” no sofrimento dos seus irmãos, comunicarem o bálsamo da fé e da esperança que Cristo, com a sua morte e ressurreição, a todos oferece.

12 - Sábado: Senhora da Aparecida

“Feliz Aquela que te trouxe”...”mais felizes...”, disse Jesus. Ao celebrarmos a tua Mãe, a Senhora da Aparecida, dá-nos, Senhor, a renovação da vocação missionária e a alegria da entrega à missão.

13 - Domingo: 28^o do Tempo Comum - Dia internacional para a redução de catástrofes

Lc 17,11-19

A fé do estrangeiro

Jesus está de viagem. Dirige-se para Jerusalém onde vai

culminar o dom da sua vida, que Ele já vai oferecendo em cada etapa do caminho.

Os dez leprosos, doentes que não podiam viver na povoação, apercebem-se de Jesus que passa por perto, e aproximam-se para pedir misericórdia. Respeitosamente, chamam de longe, como prescrevia a Lei.

Caminham ao encontro de Jesus, e a palavra que ele lhes dirige põe-nos de novo a caminho: ide mostrar-vos aos sacerdotes. O seu caminhar, guiado pela Palavra, torna-se lugar de cura e purificação. Um deles, que era samaritano - um povo considerado mestiço, estrangeiro e meio herético -, voltou para agradecer a Jesus, dando glória a Deus.

Jesus elogia a fé daquele estrangeiro: o seu caminhar, na doença e na vida dura de ser estrangeiro, abre-lhe os olhos da alma para reconhecer a força de Deus presente em Jesus que passa, e liberta-lhe o coração para voltar a encontrá-Lo e dizer «Obrigado.»

Todos somos estrangeiros e peregrinos. A tua graça, Senhor, acompanhe o nosso caminhar para a casa do Pai. Dá-nos a graça de caminhar em fraternidade, com todos os que peregrinam neste mundo.

14 - Segunda: São Calisto I

Concede, Senhor, a todos os batizados a graça de serem servos do Evangelho. Obrigado pelo dom da missão que recebemos. Dá-nos sempre a alegria do Evangelho e a paixão pela santidade.

15 - Terça: Dia Internacional das Mulheres Rurais; Santa Teresa de Ávila

Santa Teresa de Ávila interceda por cada mulher que hoje luta pela sua dignidade, contra toda a violência e discriminação. Assim, Senhor, o rosto materno do Pai será mais visível no nosso mundo. Isto te pedimos, na unidade do Espírito Santo.

16 - Quarta: Dia Mundial da Alimentação; Santa Margarida Maria de Alacoque

Por Santa Margarida Maria de Alacoque, concede-nos, Senhor,

um coração misericordioso para com todos. Que a bondade, paciência e magnanimidade nos encham de alegria missionária na partilha do pão com os mais necessitados.

17 - Quinta: Dia Internacional para a erradicação da pobreza; Santo Inácio de Antioquia

«O rico e o pobre têm igual dignidade. Os bens são de todos. Não se pode roubar às nações pobres e às gerações futuras, aquilo que necessitam para viver» (*Laudato Si'* 94-95). Dá-nos, Senhor, a fome da partilha dos bens com todos os que precisam.

18 - Sexta: São Lucas

A seara é grande e Paulo pede a ajuda de Marcos «porque me é muito útil no ministério». Dá-nos, Senhor, o ardor missionário de Lucas pelos mais pobres e frágeis, de modo que a terra se encha com a alegria do Evangelho.

19 - Sábado: São Paulo da Cruz e São Pedro de Alcântara

O Senhor recorda a sua aliança para sempre que é extensiva a todos os seres vivos e em todos os tempos. Dá-nos, ó Pai, hoje, novas vocações missionárias que manifestem o rosto de Jesus Salvador.

20 - Domingo: 29^o do Tempo Comum - Dia Mundial das Missões

Lc 18,1-8

Rezar e anunciar

Neste Dia Mundial das Missões, Jesus conta uma parábola para ensinar aos seus discípulos que é preciso perseverar na oração, sem perder a coragem, mesmo quando nos parece que Deus demora a responder.

Continuando a rezar, pouco a pouco, descobrimos quais são os verdadeiros dons que Deus tem para nos dar, e compreendemos melhor as prioridades e os tempos de Deus.

Ao contrário do juiz iníquo, Jesus assegura-nos que Deus não vai demorar a fazer justiça aos seus eleitos: a resposta final

de Deus a todas as nossas orações chega já com a morte e ressurreição de Jesus. Deus não dá coisas, dá-se a si mesmo. Com a sua Páscoa, Jesus está agora presente no coração de cada homem: uma força imensa a trabalhar pelo amor e pela justiça, em toda a humanidade.

O escândalo daqueles que renegam a fé com palavras e comportamentos não diminui nos batizados a alegria do anúncio missionário a todos os povos.

«A oração é a alma da missão». Hoje cantamos, oramos e celebramos a missão. Cristo é a vida do mundo e tem de chegar a todos. Obrigado, Senhor, por todos os missionários e missionárias dispersas pelos cinco continentes.

21 - Segunda: Santa Úrsula e companheiras

Senhor Jesus, «sonho missionário de chegar a todos», convidamos «a ter a coragem de ser uma Igreja viva, acolhedora dos excluídos e dos estrangeiros». Que todos tenham lugar no nosso coração e no nosso mundo.

22 - Terça: Dia da Biblioteca escolar; São Donato

«A vossa Palavra, Senhor, é luz para os meus caminhos». Que toda a escrita faça nascer nos jovens e adolescentes a fraternidade a construir e praticar com todos.

23 - Quarta: São João de Capristano

Senhor, «a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar». Praticar esta verdade é ser missionário. Dá-nos esta graça.

24 - Quinta: Dia das Nações Unidas; Santo António Maria Claret; Início da semana do desarmamento

Concede, ó Pai, que as Nações Unidas, unam todos os países, para que a fraternidade humana abrace todos os homens e mulheres e o mundo experimente a tua paz em toda a Terra.

25 - Sexta: Santo António de Sant'Ana Calvão

Nós te pedimos, Senhor, para que todos os governantes dos povos acabem com as guerras, os conflitos, a degradação ambiental e o declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente.

26 - Sábado: Santo Evaristo

Concede, Senhor Jesus, a todos os cristãos, e em particular aos catequistas, que sejam alegres mensageiros do Evangelho, custódios do bem e da beleza que resplandece na vida fiel do discípulo missionário.

27 - Domingo: 30^o do tempo Comum - Dia dos Jornalistas pela Paz

Lc 18, 9-14

Rezar na humildade

Não basta rezar muito. É preciso rezar bem. Com a parábola do fariseu e do cobrador de impostos, Jesus mostra duas pessoas que chegam ao templo, parecendo iguais, um e outro são «homens que sobem ao templo para rezar.» Quando saem do templo, porém, um está reconciliado com Deus, o outro destruído pela oração que fez.

Diante de Deus, os dois disseram a verdade: o publicano que era pecador, o fariseu cumpria escrupulosamente todas as obrigações do seu grupo religioso. Mas havia uma diferença fundamental: o fariseu rezava com orgulho, de pé, fazendo a lista das suas virtudes e das suas boas obras, desprezava os pecadores, e falava «para si mesmo», e dizia: «Oh Deus!»

O publicano, esse, dirigia-se a Deus com humildade, com palavras e com gestos apresentava-se como o pecador que era, sem ousar levantar os olhos para Deus.

Como cristãos, anunciamos ao Mundo Jesus «manso e humilde de coração», e abraçamos a sua humildade também na maneira como rezamos.

Oremos por todos os jornalistas, para que sejam fiéis defensores da dignidade humana e contribuam para a paz e convivência fraterna entre os povos.

28 - Segunda: S. Simão e S. Judas, Apóstolos

Que o Teu Espírito, Senhor, nos faça compreender que todos os batizados são mensageiros do Reino, pois «a missão renova a Igreja, revigora a fé e dá novo entusiasmo. É dando a fé que ela se fortalece».

29 - Terça: São Narciso

Concede-nos, Pai, que a nossa esperança seja sempre Jesus vivo e presente em nós e nos nossos irmãos. Faz com que Ele se torne visível na nossa vida como único Salvador.

30 - Quarta: Dia Nacional da prevenção do cancro da mama; São Germano

Senhor, que o vosso Espírito Consolador venha em auxílio dos que sofrem com o cancro da mama e seus cuidadores. Assim, pelo sofrimento e pelo trabalho, contribuam para a redenção do mundo.

31 - Quinta: Dia mundial das cidades; Santo Afonso Rodrigues

Concede-nos, Pai, que a vivência deste mês missionário especial nos faça sentir «que somos chamados por vocação a sermos universais e responsáveis por todo o mundo», pois a Igreja de Cristo, em missão no mundo, mostra como «todos somos batizados e enviados.»

Partilhar com Alegria

(Material necessário: mãos desenhadas, em cartolina amarela e vermelha – duas por cada criança – uma amarela e uma vermelha. Dois quadros expositores. Cola. Canetas. Bolachas ou bolinhos para partilhar, no final da celebração).

ACOLHIMENTO

(As crianças estão sentadas. Convidamo-las ao silêncio).

Animador: Hoje, vamos falar de PARTILHA. É importante para Jesus que cada um de vós possa partilhar qualquer coisa.

Queremos aprender como é bom partilhar, mesmo sabendo que nem sempre é fácil. Mas, antes, vamos cantar, sabendo que com Jesus ficamos alegres por partilhar o que somos e o que fazemos.

Cântico:

Põe Tua Mão na Mão do Meu Senhor

*Põe tua mão na mão do meu Senhor
Da Galileia
Põe tua mão na mão do meu Senhor
Que acalma o mar*

*Meu Jesus que cuida de mim
Noite e dia sem cessar
Põe tua mão na mão do meu Senhor
Que acalma o mar*



FOTO: Victor Silva

FRASES LIDAS POR VÁRIAS CRIANÇAS:

- Eu gosto muito de bolo de chocolate. Quando já só tenho um bocadinho não me apetece partilhar com os outros.

- Eu tenho um irmão mais pequenino, ainda é bebé. A minha mãe ocupa todo o seu tempo com ele. Eu gostava que a minha mãe se ocupasse só de mim.

- Eu tenho um telemóvel. O meu irmão e a minha irmã ainda não têm. Eles querem que o partilhe com eles, para poderem jogar. Mas eu não estou muito disposto a isso.

Animador: Sabemos que nem sempre temos vontade de partilhar. Não é verdade?

Mão vermelha:

Vós preparastes duas mãos : uma amarela e outra vermelha. Agora, na vermelha, ides escrever qualquer coisa que não gostais nada, mesmo nada, de partilhar.

(Dar tempo a que cada um escreva, ou até cole na mão vermelha, o que quiser sobre qualquer coisa que não gosta nada de partilhar.

Depois, convida cada criança a explicar o que escreveu ou colou. Após a explicação, cada mão é colocada no quadro expositor, com os dedos dobrados e voltados para dentro fazendo uma espécie de muro de punhos fechados.)

Animador: Agora, vamos escutar uma história. Uma história onde Jesus está com os seus amigos e onde vai mostrar que é importante saber partilhar. Escutemos bem, para depois cada um poder contar a história. Está bem?

PALAVRA DE DEUS:

Leitura de S. João (6,1-13)

Certo dia, Jesus foi para a outra margem do lago da Galileia. Seguia-o uma grande multidão, porque viam os milagres que realizava curando os doentes. Jesus subiu ao

monte e sentou-se ali com os seus discípulos.

Erguendo o olhar e reparando que uma grande multidão viera ter com Ele, Jesus disse então a Filipe: «Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?». Dizia isto para o pôr à prova, pois Ele bem sabia o que ia fazer.

Disse-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: «Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?»

Jesus disse: «Fazei sentar as pessoas.» Eram umas cinco mil pessoas. Então, Jesus tomou os pães e, dando graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram.

Quando todos se saciaram, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.» Recolheram-nos e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer.

Partilha:

- >Para onde foi Jesus ?
- >Quem ia com Ele ?
- >Porque é que a multidão o seguia ?
- >Jesus ficou à beira do lago ou foi para outro lado ? Para onde?
- >Quando olhou para a multidão o que é que Jesus viu ?
- >O que perguntou a Filipe ?
- >O que é que os discípulos responderam para se desculpar ?
- >Quantos pães e quantos peixes tinha aquele rapazito ?
- >Quantas pessoas se encontravam com Jesus?
- >Depois de comerem o que é que fizeram aos pedaços que sobraram ?
- >Qual é a conclusão? “Mesmo quando não temos muito, o importante é partilhar, dar aos outros, porque isso nos torna mais felizes, não é?”

Cântico:

Tomo este pão e este vinho

*Tomo este pão e este vinho
em memória do meu Salvador;
Tomo este pão e este vinho
são o Corpo e Sangue do Senhor.*

Levarei comigo a Tua luz,
irei pelo mundo anunciar
que por nós morreste numa cruz,
mas quiseste o mundo transformar.

Comendo o Teu corpo que foi trigo
suado nas mãos do lavrador,
levo a Tua força que alimenta
p'ra mudar o mundo com amor.

Mão amarela:

Animador: Nós, tal como Jesus, somos capazes de partilhar. Não é? Agora, na mão amarela, ides escrever o que cada um gostaria de partilhar com a sua família, amigos ou outras pessoas.

(Dar tempo a que cada um escreva, ou até cole, na mão amarela, o que quiser sobre o que quiser partilhar.

Depois, convida cada criança a explicar o que escreveu ou colou. Após a explicação, cada mão é colocada, aberta, no quadro expositor, com os dedos voltados para fora fazendo um círculo que pareça um sol.)

Conclusão: Qual é a diferença entre este quadro com as mãos vermelhas e este com as mãos amarelas?

Quando nós partilhamos parece que até o Sol ri, não é? Pois é isso que acontece: fazemos o Sol rir quando visitamos alguém que está doente; quando visitamos o avô ou a avó; quando partilhamos o nosso tempo com alguém; quando partilhamos um pouco da nossa vida, ou das nossas coisas, com alguém que precise. Quando estamos tristes ou alegres podemos partilhar com alguém que amamos, e também com Jesus, confiando-lhes a nossa vida.

Partilhar, torna a vida mais bela e as pessoas mais felizes. Jesus partilha connosco para nos fazer felizes. Nós partilhamos com Jesus e com os outros e somos como o Sol quando beija as flores, elas tornam-se belas e alegrem a vida de todos nós.

ACÇÃO DE GRAÇAS:

Animador: Ao terminar a nossa celebração, vamos agradecer a Jesus por nos ensinar a partilhar. Queremos ser como Ele. Agradecidos ao Pai do Céu e atentos uns aos outros, cada dia um pouco mais.

(As crianças repetem cada frase da oração):

**Jesus,
Tu que nos amas,
Abre as nossas mãos,
Os nossos olhos,
Os nossos ouvidos
E o nosso coração
Para dar felicidade ao mundo!**

Cântico final:

**Ide e ensinai, Ide e ensinai,
Ide e ensinai a toda a gente,
O Senhor é família, somos comunidade:
Alegria, irmão! (3x)**

(No fim da celebração podemos partilhar um lanche com as bolachas ou bolinhos que cada um trouxe.)